

4º Período

Estudos da Tradução II

*Meta Elisabeth Zipser
Silvana Ayub Polchlopek
Eleonora Frenkel*

Florianópolis, 2009.

Governo Federal

Presidente da República: Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Educação: Fernando Haddad

Secretário de Ensino a Distância: Carlos Eduardo Bielschowky

Coordenador Nacional da Universidade Aberta do Brasil: Celso Costa

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Alvaro Toubes Prata

Vice-reitor: Carlos Alberto Justo da Silva

Secretário de Educação a Distância: Cícero Barbosa

Pró-reitora de Ensino de Graduação: Yara Maria Rauh Müller

Pró-reitora de Pesquisa e Extensão: Débora Peres Menezes

Pró-reitora de Pós-Graduação: Maria Lúcia de Barros Camargo

Pró-reitor de Desenvolvimento Humano e Social: Luiz Henrique
Vieira da Silva

Pró-reitor de Infra-Estrutura: João Batista Furtuoso

Pró-reitor de Assuntos Estudantis: Cláudio José Amante

Centro de Ciências da Educação: Wilson Schmidt

Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol na Modalidade a Distância

Diretor Unidade de Ensino: Felício Wessling Margotti

Chefe do Departamento: Adriana Kuerten Dellagnelo

Coordenadoras de Curso: Maria José Damiani Costa

Vera Regina de A. Vieira

Coordenador de Tutoria: Raquel Carolina Souza Ferraz D'Ely

Coordenação Pedagógica: LANTEC/CED

Coordenação de Ambiente Virtual: Hiperlab/CCE

Projeto Gráfico

Coordenação: Luiz Salomão Ribas Gomez

Equipe: Gabriela Medved Vieira

Pricila Cristina da Silva

Adaptação: Laura Martins Rodrigues

Comissão Editorial

Adriana Kuerten Dellagnello
Maria José Damiani Costa
Meta Elisabeth Zipser
Lêda Maria Braga Tomitch
Vera Regina de Aquino Vieira

Equipe de Desenvolvimento de Materiais

Laboratório de Novas Tecnologias - LANTEC/CED

Coordenação Geral: Andrea Lapa
Coordenação Pedagógica: Roseli Zen Cerny

Material Impresso e Hiperídia

Coordenação: Thiago Rocha Oliveira, Laura Martins Rodrigues
Diagramação: Valéria Exalta Gonzaga, Alexandre dos Santos, Maiara Ariño
Ilustrações: Gregório Italiano Veneziani, Bruno Nucci, Ângelo Bortolini
Tratamento de Imagens: Ângelo Bortolini, Diogo Francisco Reus Carlos,
Thiago Rocha Oliveira
Revisão gramatical: Rosangela Santos de Souza

Design Instrucional

Coordenação: Isabella Benfica Barbosa
Designer Instrucional: Daiana da Rosa Acordi

*Copyright@2009, Universidade Federal de Santa Catarina
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida
e gravada sem a prévia autorização, por escrito, da Universidade
Federal de Santa Catarina.*

Ficha catalográfica

Z79e
Zipser, Meta Elisabeth
Estudos da tradução II / Meta Elisabeth Zipser, Silvana
Ayub Polchlopek, Eleonora Frenkel. - Florianópolis, SC :
UFSC/CCE, 2009.
96 p.

ISBN 978-85-61483-21-0

1. Tradução e interpretação. 2. Tradutores. I. Polchlopek,
Silvana Ayub. II. Frenkel, Eleonora. III. Título

CDU 801=03

Catálogo na fonte elaborada na DECTI da Biblioteca
Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina.

Sumário

Apresentação 7

Unidade 1 11

1 Tradução: uma atividade, vários caminhos 13

1.1 A tradução na Europa - algumas informações..... 13

1.2 A tradução no contexto norte-americano: o best-seller..... 15

Sugestões de Leitura 19

1.3 A tradução na América Latina: o caso argentino 20

Sugestões de leitura 33

1.4 A trajetória dos estudos da tradução no Brasil..... 34

Sugestões de leitura: 44

Resumo 44

Unidade 2 47

2 Definindo valores na tradução 49

2.1 Definindo (um conceito) de cultura 49

2.2 Cartas de viagem 51

2.3 A Relação entre tradutores e os valores culturais no
caminho..... 53

2.4 A Tradução como escândalo e as identidades culturais 56

2.5 A Ética da diferença 60

Etnocêntrica..... 61

Resumo 64

Sugestões de Leitura 66

Unidade 3..... 69

3 Tradução: quinta habilidade ou atividade “real”?71

3.1 A tradução vista como quinta habilidade71

3.2 Primeiros passos72

3.3 Os argumentos contra a tradução74

3.4 Os aspectos positivos da prática tradutória77

Resumo 80

Sugestões de Leitura 81

Considerações Finais 82

Referências 84

Sites Consultados 88

Glossário..... 89

Apresentação

Caminhante não há caminho, o caminho se faz ao andar.

Antonio Machado

Caro(a) aluno(a),

Chegamos com este terceiro livro a última parte das nossas conversas sobre as reflexões que propusemos acerca dos Estudos da Tradução. No início desse caminho, você encontrou uma introdução sobre a disciplina que reuniu algumas tendências da área, conheceu alguns teóricos representativos, definições sobre tradução ao longo de certos momentos históricos, os desdobramentos possíveis dessa área de pesquisa e algumas das tendências contemporâneas na área. Já na segunda parte, você pôde refletir sobre alguns elementos que integram as teorias da tradução como os conceitos de equivalência e o papel do tradutor, além de estudar teóricos como Christiane Nord, Antoine Berman, Lawrence Venuti e Andrew Chesterman, o que possibilitou aplicar na prática os modelos teóricos propostos por eles.

A epígrafe que selecionamos para abrir essa nossa última conversa a respeito dos Estudos da Tradução busca resumir, ainda que de uma forma bastante ampla, a trajetória da disciplina até então: são muitos os caminhos para a tradução para cada época histórica que ela representa. Nessa trajetória, não há certo ou errado, mas somente objetivos e perspectivas distintas que tentam dar conta das muitas nuances que a tradução pode adquirir.

Ancorados nessas experiências, trazemos para esta terceira etapa do caminho uma perspectiva voltada à cultura, cujo panorama envolve informações acerca do momento atual da tradução na Europa, América Latina e América do Norte, além de pontos de reflexão sobre a (in)tensa e instigante relação entre tradução e cultura. Sobre este aspecto, você irá estudar, refletir e discutir a escolha de alguns caminhos como a domesticação, estrangeirização, formação de identidades culturais e relações assimétricas de poder estabelecidas através das opções que fazemos ao traduzir. Convém lembrar que este assunto é bastante amplo e denso e que, dentro do espaço que nos é cedido nessa conversa, não nos é possível explorá-lo com rigor de detalhes. Apresentamos, portanto, aspectos

mais pontuais e que podem ser melhor explorados com as sugestões de leitura ao final do resumo de cada capítulo.

Você deve lembrar, conforme o que estudou nos dois primeiros livros, que são muitas as opções de trabalho no âmbito da tradução e que noções como fidelidade, equivalência, competência e o próprio conceito de tradução assumem níveis distintos à medida que a tradução vai ganhando espaço e se consolidando como área de pesquisa. Muitas vezes, esses conceitos são também cíclicos, isto é, ora se direcionam a um determinado nível, para então se distanciar dele e tornar a estudá-lo mais tarde, como é o caso das concepções que priorizam o texto-fonte e depois o texto-traduzido e vice-versa.

Existem, ainda, questões culturais que, em determinados momentos, representam obstáculos a serem eliminados, ao passo que em outras situações essas diferenças são mantidas para que o leitor-destinatário saiba que está, de fato, diante de uma tradução. A partir dessas três conversas, nas quais expusemos as dificuldades, ansiedades, reflexões e recompensas geradas através da tradução, você poderá trilhar o seu próprio caminho.

Você pode estar se perguntando qual desses caminhos é o certo: domesticar ou estrangeirizar a tradução? A resposta é simples e vem de um poeta e prosador espanhol modernista chamado **Antonio Machado y Ruiz**: "*Caminante, no hay camino, se hace camino al andar*".



Poeta e prosador modernista
Antonio Machado y Ruiz

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:AntonioMachado.JPG>

Proverbios y Cantares

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estrellas en la mar.

Machado, Antonio. Poesías completas, 1973

Qualquer uma dessas direções estará correta se você tiver a noção exata do trabalho e das dimensões que sua profissão e escolhas implicam. Afinal, conforme você estudou no último livro, a realidade da profissão não é assim tão romântica ou tão simplificada quanto alguns podem imaginar, mas nem por isso a profissão perde o seu brilho ou o rumo a seguir. Algumas decisões serão mais acertadas, outras nem tanto, mas de qualquer maneira todas fazem parte do caminho escolhido, bem como de sua prática e teoria. Portanto, escolha um caminho e boa leitura!

Os autores

Unidade 1

Tradução: uma atividade, vários caminhos

1 Tradução: uma atividade, vários caminhos

Neste capítulo, você vai estudar as direções que a tradução tem percorrido pela Europa, Estados Unidos, Argentina e Brasil. O que apresentamos a você é apenas um breve panorama que pode e deve ser mais aprofundado através das sugestões de leitura ao final de cada item, a fim de que você possa selecionar com mais facilidade as leituras do tópico de seu interesse. Ao final do capítulo, você encontrará o resumo de todos esses direcionamentos para ajudá-lo ainda mais nos seus estudos. Boa leitura!

1.1 A tradução na Europa - algumas informações

Quando o assunto é multilinguismo e tradução na Europa, território multicultural e multilingual por excelência, somos automaticamente remetidos a um conceito de grandes dimensões, nas proporções de um mundo cada vez mais globalizado: a atividade relacionada com tradução de línguas estrangeiras vista como *big business*, ou seja, quase que uma indústria de tradução. Para se chegar a essa afirmação, podemos nos apoiar nos seguintes pontos:

- o princípio que contempla o multilinguismo e as atividades tradutórias, já abordado em início de 1945, na conferência da ONU em São Francisco, Estados Unidos;
- a rápida expansão da tradução de textos técnicos;
- o aumento considerável dos serviços de **interpretação simultânea**, principalmente em conferências, a assim chamada *Community Interpreting*, ou interpretação de conferência;
- criação de associações e organizações na área de tradução, para tradutores e intérpretes;
- criação de revistas especializadas;
- a consolidação da formação de tradutores, intérpretes e especialistas em terminologia.

Interpretação Simultânea

Ato de traduzir oralmente e ao mesmo tempo a fala de um orador para a língua de um ou mais ouvintes.



Para entendermos melhor o ritmo de internacionalização da comunicação, nas últimas décadas, na Europa, podemos nos ater à expansão da União Européia, que conta atualmente com 27 países membros. Para sentirmos as repercussões disso na crescente necessidade de tradutores, basta recorrermos às informações divulgadas pela própria União Européia, no site do Parlamento Europeu, divulgado em português (de Portugal):

Os serviços de tradução do Parlamento contam com cerca de 700 tradutores, cuja missão consiste em traduzir, para todas as línguas oficiais, diversos tipos de documentos. Entre esses documentos figuram, nomeadamente:

- Os documentos de sessão destinados à assembleia plenária e os documentos das comissões parlamentares: ordens do dia, projetos de relatório, alterações, relatórios aprovados, pareceres, resoluções, perguntas de resposta escrita e de resposta oral, atas e relatos das sessões e das reuniões, informações destinadas aos deputados, etc;
- Os documentos de outros órgãos políticos tais como as assembleias parlamentares mistas, constituídas por deputados do Parlamento Europeu e deputados nacionais dos Estados-Membros ou de países terceiros;
- As decisões do Provedor de Justiça europeu;
- As comunicações com os cidadãos e os Estados-Membros;
- As decisões dos órgãos internos do Parlamento Europeu (Mesa, Conferência dos Presidentes, **Colégio dos Questores**).

Regra geral, os textos são traduzidos, a partir da sua versão original, para a língua materna do tradutor. Porém, na sequência dos recentes alargamentos, primeiro, para 25 e, subsequentemente, para 27 Estados-Membros e do concomitante aumento do leque de combinações linguísticas possíveis para 506 (isto é, 23 línguas oficiais susceptíveis de serem traduzidas para as outras 22),

O Colégio dos Questores é o órgão do Parlamento Europeu responsável pelas questões administrativas e financeiras diretamente relacionadas com os deputados e com as suas condições de trabalho.

Podem apresentar propostas de alteração ou de reformulação de textos relativos a todos os regulamentos aprovados pela Mesa.

Regra geral, os Questores reúnem-se uma vez por mês com as suas condições de trabalho. Você pode acessar o site para mais informações <http://www.europarl.europa.eu/parliament/public/StaticDisplay.do?id=1558&pageRank=3&language=PT>

torna-se, por vezes, difícil encontrar uma pessoa que possua, simultaneamente, o domínio de um determinado par linguístico (língua de chegada + língua de partida), principalmente no caso das línguas menos disseminadas na União.

Para a tradução dos textos redigidos nessas línguas, o Parlamento Europeu pôs em prática um sistema de línguas intermédias (“pivot”), que consiste em traduzir os textos, primeiro, para as línguas mais utilizadas (inglês, francês ou alemão). No futuro, outras línguas comunitárias (espanhol, italiano e polonês) poderão vir a adquirir o estatuto de “pivot”.

Com toda essa expansão dos serviços de tradução, a palavra de ordem é **eficiência**, que implica constante disponibilidade de se aprimorar, de estudar e se preparar para as novas frentes que vão surgindo com um mercado assim expansionista. Qualidade e rapidez na organização de novos saberes, constituição de bancos de dados amplos e constantemente renovados. São igualmente renovadas as propostas de se trabalhar em **equipes**, nas quais os saberes individuais ganham novas proporções em importância (WILSS, 1996).

Pelo que tudo indica, ao menos no que se refere às línguas mais usadas em tradução, o tradutor “sabe tudo”, aquele que assume trabalhos em qualquer área, está mesmo com os dias contados. A tendência na Europa é que se aposte cada vez mais na especialização por área, que os tradutores, por pura exigência de mercado, passem a se preparar para áreas específicas, atuando, assim, com muito mais eficiência e segurança. Os currículos de formação nas universidades estão passando por atualizações neste sentido. Trata-se de um processo gradual. Deve-se ainda mencionar que o aprimoramento dos recursos oferecidos pelo computador e por toda a comunicação multimídia dos dias atuais, certamente está colaborando – e muito – para todo esse desenvolvimento profissional na área de tradução.

1.2 A tradução no contexto norte-americano: o best-seller

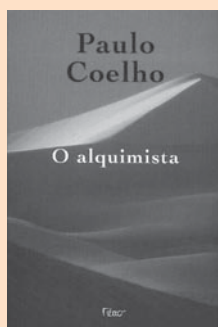
A tradutora **Lia Wyler** (apud Martins, 1999) comenta que os investimentos maciços norte-americanos no mercado editorial brasileiro co-



No trabalho em equipe, saberes individuais ganham destaque.



Lia Wyler tornou-se conhecida do público infanto-juvenil pelas traduções da série Harry Potter.



Você lembra de outro fenômeno parecido? O autor Paulo Coelho chegou ao primeiro lugar da lista dos mais vendidos, em 74 países, com o livro *O Alquimista*. É um dos mais importantes fenômenos literários do século XX, segundo seu site, e vendeu, até o momento, 35 milhões de exemplares. Este livro rendeu ao autor, em 2008, o Prêmio Guinness World Record pelo livro mais traduzido no mundo (67 idiomas).

meçaram no período pós guerra, visto que tinha perdido grande parte da sua competitividade devido aos altos custos gráficos. Graças a uma taxa de câmbio que favorecia a importação de livros estrangeiros, os norte-americanos trouxeram até nós os chamados *best-sellers*. Funcionava assim: a agência norte-americana escolhia os autores de interesse do governo norte-americano, pagava os direitos autorais, selecionava e subsidiava os tradutores e financiava os custos de produção dos livros. O porte desse investimento, segundo Lia, foi a salvação das nossas editoras. Por exemplo, dos títulos subsidiados pelo governo norte-americano – mais de 200 assuntos – alguns tratavam de: ciências sociais, classes sociais, casamento, cultura e sociedade, entre outros, em ordem alfabética, apontados por Lia. Segundo a tradutora, foram 9.849 títulos ou 364 por ano, praticamente 1 por dia. Dados conseguidos pela tradutora com a Editora Nobel, em 1995, mostram que, de 1987 a 1995, foram traduzidos e lançados no mercado 9.688 títulos, uma média de 2,94 por dia.

Essa forte tendência do mercado editorial brasileiro para absorver títulos norte-americanos fez dos *best-sellers* um fenômeno. Na direção oposta, ou seja, nos Estados Unidos, esse mercado envolve, além de editores e donos de editoras que compram os direitos da tradução, a seleção de livros mais facilmente assimiláveis aos valores culturais norte-americanos, seus gostos e tendências prevaletentes, a fim de se evitarem perdas em potencial nas vendas. Veja o que Venuti (1998) aponta como exemplo: o romance de Umberto Eco “O Nome da Rosa” (1983). Seu sucesso editorial foi tamanho que motivou os editores a comprarem os direitos de tradução de outros trabalhos similares. A tendência que marcou a década de 80 foi, então, a de investir na tradução de trabalhos estrangeiros envolvidos em adaptações dramáticas ou cinematográficas, afinal, o reconhecimento era mais amplo, além de alavancar uma maior venda de livros.

Venuti lembra que a tradução e o texto estrangeiro são, no entanto, projetos distintos porque envolvem diferentes intenções e contextos:

“Uma tradução é produzida num momento específico de uma cultura. Ela perde valores comerciais e culturais quando novas tendências domésticas e seleções emergem para dividir o mercado, levando o editor a parar de reeditá-la ou até mesmo investir em outra tradução do mesmo trabalho estrangeiro” (VENUTI, 1998, p. 95).

Um dos fatores que pode ser chamado, talvez, de decisivo para a marginalidade atual da tradução é o seu tênue valor econômico. Os editores mantêm o volume de traduções baixo porque são livros financeiramente arriscados: custam muito para produzir, exigem um gasto inicial significativo para os direitos autorais, além de marketing e do pagamento e/ou comissões do tradutor. Por essa razão, muitos editores as consideram como perdas inevitáveis, tendo unicamente algum valor cultural e sendo úteis somente para aumentar a variedade e o apelo das listas de outros livros de sucesso. Desde a década de 70, o desejo de se investir nos *best-sellers* se tornou tão comum quanto o foco dos editores nos textos estrangeiros que eram comercialmente rentáveis em suas culturas de origem, permitindo que o mercado editorial e o processo tradutório fossem guiados pela esperança de um desempenho similar na língua e cultura de chegada. Dentre os escritores brasileiros que respondem a esse item estão: Rubem Fonseca, Jorge Amado, Paulo Coelho, João Ubaldo Ribeiro, Jô Soares, Marcos Rey e José de Alencar.

O *best-seller* é um livro de leitura de massa e que ultrapassa fronteiras culturais. Seu público leitor é constituído por diferentes comunidades, cada qual caracterizada por valores específicos. Mas, quando esse *best-seller* é também uma tradução, o cruzamento entre fronteiras se intensifica como é o caso de “O Caçador de Pipas”, “O nome da Rosa”, “Marley e Eu” e o leitor se identifica com o personagem e seus problemas, como em “Harry Potter”, e o mais recente fenômeno de vendas, “*Crepúsculo*”. Nesse sentido, a transferência de valores da cultura-fonte para a cultura de chegada, desprende o TF de suas tradições linguísticas e literárias para ser interpretado e avaliado de modo diferente na tradução. Portanto, uma tradução pode ser altamente lucrativa quando se atende às expectativas que prevaleçam na cultura doméstica (VENUTI, 1998, p. 124). Essa identificação tende a sugerir ao leitor uma possibilidade de solução imaginária para os problemas vividos, em termos de valores culturais e políticos dominantes.

A narrativa é de compreensão rápida, com sentidos precisos, sintaxe simples, fluída, o vocabulário deve ser conhecido, a linguagem transparente para produzir a ilusão de que a realidade é aquela que se está lendo, induzindo a identificação do leitor com os personagens. Isso



Stephenie Meyer, autora da série *Crepúsculo*, composta por quatro livros: “*Crepúsculo*”, “*Lua Nova*”, “*Eclipse*” e “*Amanhecer*”.

significa traduções fluentes, como se tivessem sido escritas na língua da cultura de chegada, garantindo que o TF atinja o maior público possível. Estereótipos de fácil reconhecimento (VENUTI, 1998, p.126-7)

Dessa forma, a proximidade com a cultura popular, doméstica, aliada a um bom marketing, garantem o escoamento total das traduções, mesmo que não sejam lidas por um grande número de pessoas. Esse discurso fluente e transparente para as traduções para o inglês, por exemplo, usam-no na sua forma mais familiar, ou seja, o inglês padrão, sem grandes distinções entre o americano e/ou britânico, mesmo que o romance esteja ambientado em outro período histórico ou remoto, como o romance de Eco que se passa na Itália medieval. Sua versão mais recente para o inglês omitiu 12 trechos do italiano e longas listas de termos medievais e em latim para garantir a total compreensão e fluidez do texto. Nos termos de Berman (2002), esse procedimento poderia ser enquadrado no que chama de:

- **tradução etnocêntrica:** submete tudo a sua própria cultura, suas normas e valores, considerando o estrangeiro como positivo ou negativo apenas para ser anexado, adaptado ou acrescentar riqueza a essa cultura; e
- **tradução hipertextual:** a imitação, o pastiche, a paródia, a adaptação, o plágio ou outra transformação textual a partir de um texto já existente.

Quer ver alguns exemplos?
Acesse o site do jornal americano The New York Times e confira a lista atualizada dos best-sellers:
<http://www.nytimes.com/>

Como os *best-sellers* são sinônimos de lucro para as editoras, é necessário vendê-los, e um meio para torná-los conhecidos do público rápida e amplamente é tê-los publicados em *listas* organizadas por alguns dos mais prestigiados jornais norte-americanos, que as publicam semanalmente. As listas mais importantes e lucrativas são as do: *The New York Times*; *Wall Street Journal*; *USA Today* e *Publishers Weekly*. Jornais regionais também publicam as listas, sendo os maiores: *The Washington Post*; *The San Francisco Chronicle*; *The Los Angeles Times*; *The Boston Globe* e o *The Chicago Tribune*.

Essas listas, geralmente, ranqueiam as vendas de livros dentro de certo grupo de lojas, no período de uma semana, porém elas não infor-

mam o livro mais vendido e sim o que vende mais rápido. Por exemplo, um livro com tiragem de 20 mil cópias *numa semana*, certamente, alcança o topo da lista de *best-sellers*, porém uma obra que venda 200 cópias na semana, e que se mantenha assim por 10 anos, dificilmente terá potencial para entrar na lista. Isso garante uma boa publicidade, além de convencer o leitor de que são obras de qualidade. Já o editor vai estar mais propenso a colocá-lo na frente de sua loja, fazendo com que os leitores as comprem e levando os editores a publicar mais livros de natureza semelhante ao do *best-seller* do momento não esquecendo a turnê do autor e aparições na TV.

Essas listas no mercado brasileiro são similares às aquelas publicadas pela revista *Veja*, por exemplo, ou aos cadernos lançados por livrarias como a *Curitiba*, *Siciliano*, além das propagandas maciças nos sites de grandes mercados como a *Amazon* e *Submarino* que, geralmente, mostram a lista dos mais vendidos em boxes que aparecem para o usuário quando entra nos sites.

Como uma última curiosidade das listas americanas, a do *Times* é a de maior alcance, conseqüentemente, a mais prestigiada e lucrativa. Alguns editores chegam a colocar bônus nos contratos para assegurar a possibilidade de que o livro entre na lista do *Times*. Os valores geralmente são de:

- 7 mil dólares para as posições de 1 a 5;
- 5 mil dólares para as posições de 6 a 10; e
- 3 mil dólares para as posições de 11 a 15.

E aí, interessado em publicar um *best-seller*? A “receita” é simples: escreva o final e depois pense no início e no meio da história. Não se esqueça das dicas sobre a linguagem e de uma alta dose de romance. Boa sorte!

Sugestões de Leitura

BAKER, Mona. *Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?* In: MARTINS, Márcia A.P. Tradução e Multidisciplinaridade. Editora Lucerna, Puc-Rio – Departamento de Letras, 1999.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Bauru: Edusc. Trad. de Laureano Pelegrin et alii, 2002.

TRUITT, Elza. *The book industry's Best-Seller Lists*. Disponível em: <http://slate.msn.com/?id=3504> Acessado em Dez./2008.

WYLER, Lia. *Uma Perspectiva Multidisciplinar da Tradução no Brasil*. In: MARTINS, Marcia A.P. Tradução e Muldisciplinaridade. Editora Lucerna, PUC Rio, 1999.

SNELL-HORNBY, Mary; HÖNIG, Hans G.; KUSSMAUL, Paul; SCHMITT, Peter A.(Org.): *Handbuch Translation*. Editora: Stauffenburg Verlag Brigitte Narr GmbH, Tübingen, Alemanha, 1998 (p. 20-25, autor: Wolfram Wilss)

1.3 A tradução na América Latina: o caso argentino

Para pensar a questão da tradução na América Latina, tomaremos o estudo de Patrícia Willson intitulado *La Constelación del Sur: traductores y traducciones en la literatura argentina del siglo XX*. A autora analisa a atuação de um grupo de tradutores-escritores que desempenharam um papel importante na renovação da literatura nacional (especialmente entre as décadas de 1930 e 1950), através da tradução de textos de literatura estrangeira. Ao longo da análise, Willson tece importantes considerações teóricas sobre a questão da “importação” de literatura, sobre a conformação de sistemas literários, bem como sobre a relação entre eles, e sobre as diversas concepções de literatura e tradução envolvidas no processo.

Pressupostos Teóricos

Patricia Willson se propõe a analisar a literatura traduzida na Argentina a partir de uma perspectiva crítica situada no contexto da cultura receptora. Ou seja, procura considerar, para além da questão da “fidelidade” a um texto original, as marcas deixadas em uma tradução pelas normas reguladoras da produção literária no sistema literário de chegada, assim como seus debates estéticos e seus sistemas de representação. A proposta apóia-se, entre outras referências, na reflexão de Pascale Casanova (2002), segundo a qual as literaturas nacionais não são a emanção de uma identidade, mas se constituem na contenda literária, que é sempre internacional. Nesse sentido, da perspectiva da língua de chegada, a tradução seria uma “intradução”: uma forma de importar recursos para um espaço literário ainda pouco desenvolvido.

Voltamos, assim, à *questão de Antoine Berman* ao pensar a compreensão da tradução na Alemanha do século XVIII: construir o Próprio também a partir da experiência da alteridade do mundo. Ou seja, como e o que traduzir/importar são decisões tomadas segundo certos critérios, que são, por sua vez, relevantes para analisar a tradução em si mesma.

Retome essa questão no livro-texto Estudos da Tradução I, item 2.2.1 Tradição tradutória na Alemanha.

Essa perspectiva de análise está também orientada pelas *teorias do polissistema*, que consideram a cultura, as línguas, a literatura e a sociedade como um sistema dinâmico e heterogêneo com múltiplas intersecções, no qual a tradução de literatura é uma das formas de relação sistêmica e exerce uma função fundamental na configuração dos sistemas literários locais (cf. EVEN-ZOHAR, 1997).

São adeptos ao polissistema André Lefevere e Itamar Even-Zohar, por exemplo.

Even-Zohar (1996) discute a função da literatura traduzida em determinado sistema literário e afirma que esta participa ativamente na conformação do centro do polissistema e constitui uma parte integrante e fundamental das forças inovadoras do mesmo; na evolução da história literária, a tradução pode chegar a ser um meio de elaborar um novo repertório na emergência de novos modelos literários; as obras estrangeiras traduzidas podem introduzir novas características teóricas e práticas na literatura de recepção, o que, possivelmente, englobaria novos modos de ver a realidade, uma nova linguagem poética ou novas estruturas e técnicas de composição.

Na teoria do polissistema, Even-Zohar parte da ideia de que a cultura, as diversas línguas, a literatura e a sociedade podem ser melhor compreendidas se pensadas como sistemas e não como conjuntos díspares. Trata-se de um sistema dinâmico e heterogêneo com múltiplas intersecções. As relações entre os sistemas podem dar-se no interior do próprio polissistema de uma comunidade social ou entre distintas comunidades; estas relações aparecem com clareza na tradução de uma literatura prestigiada para uma língua “não canonizada” (Cf. NOIA, 1996: 57-58).

Patrícia Willson (2004, p. 44-45) pontua, contudo, que a introdução de novidades formais através da tradução não é uma capacidade inerente, mas sim conjuntural, ou seja: em determinados contextos, a

literatura importada pode favorecer mais a tradição que a renovação. À semelhança da análise feita por Berman sobre a compreensão da tradução na França, no final do século XVIII, Willson cita o caso da história literária quebequense do século XX, na qual a tradução foi subordinada às reivindicações identitárias e separatistas na cultura receptora: a língua literária utilizada por uma série de escritores-tradutores para a produção vernácula passa para as traduções, atenuando a alteridade cultural do texto fonte.

Bem, voltando ao estudo de Willson sobre a tradução na Argentina, na primeira metade do século XX, dizíamos: a autora se propõe a superar o cotejamento direto entre texto fonte e texto traduzido, sem, contudo, renunciar a ele. O pressuposto da autora é de que é possível elaborar um discurso crítico sobre a tradução, analisando as traduções a partir de hipóteses de leitura análogas às de análise de textos “originais”. A crítica de traduções visaria torná-las visíveis a si mesmas, em primeiro lugar; em segundo lugar, procuraria descobrir regularidades (e não leis) que contribuem para modelar a imagem do estrangeiro e que correspondem a dois tipos gerais de estratégias: aquelas operadas em torno ao processo de tradução (estratégias editoriais: seleção dos textos, organização em coleções e componentes paratextuais) e aquelas operadas no processo de tradução em si (estratégias de tradução: a posição do tradutor diante de determinado debate estético dentro da cultura importadora, o que permite compreender as modificações que o tradutor opera no texto traduzido).

Para sua análise, Willson escolhe um período da história argentina no qual determinados tradutores intervieram de forma decisiva na configuração de novas poéticas e na renovação da língua literária. O período escolhido é chamado de “idade de ouro do livro argentino” (WILLSON, 2004, p. 36), o momento auge da indústria editorial do país (entre 1936 e 1956), em que editoras locais exportam seus livros para outros países da América Latina e para a Espanha. Trata-se de uma fase particularmente ativa para a tradução: a literatura traduzida ocupa, naquele momento, um lugar de destaque na literatura nacional e um grupo de tradutores-escritores contribui, com sua atividade, para nela moldar novas poéticas do relato. A autora selecionou tradutores com presença relevante na literatura argentina e escolheu as traduções para a análise

em função da importância do autor do texto de partida na história literária do século XX. Uma das questões fundamentais é pensar como se inserem esses tradutores e suas respectivas estratégias de tradução nos debates estéticos da época em que atuaram.

Os três tradutores escolhidos: Victoria Ocampo, Jorge Luis Borges e José Bianco, foram integrantes do grupo *Sur*, o que já indica a importância do projeto editorial do grupo e, como se verá, a influência que teve em certas mudanças estéticas e funcionais dentro do sistema da literatura traduzida argentina. Ocampo foi fundadora, em 1931, da *revista Sur*, cuja política cultural está justamente centrada na tradução de textos europeus.

No período anterior ao desenvolvimento do projeto do grupo *Sur*, delineia-se uma modalidade de importação de literatura argentina com características diferentes: ao contrário do primeiro, que visava incorporar o novo através das traduções, os projetos editoriais precedentes deram maior ênfase para a democratização do consumo de livros e para a ampliação do público leitor.

Projetos de importação de literatura estrangeira na Argentina

Entre 1901 e 1920, desenvolveu-se o projeto lançado por Emilio Mitre de criação da Biblioteca *La Nación*, cuja proposta era a publicação de obras estrangeiras e argentinas – com predomínio para as primeiras – em edições cuidadas e a preços populares. A coleção publicou 872 títulos e alcançou imediato sucesso de público, cumprindo sua proposta de difusão e barateamento dos livros. As escolhas dos títulos revelam, segundo Willson (2004, p. 49), uma nítida preferência pela estética realista e a presença frequente de folhetins franceses de “segunda linha”, embora a variedade de gêneros e autores seja surpreendente, assim como a diversidade de tradições literárias de procedência.

Alguns procedimentos editoriais revelam as concepções de tradução que orientam o projeto: primeiramente, grande parte dos títulos não foi traduzida diretamente da língua fonte, mas a partir do francês (exceto para os livros originalmente em inglês e português). Em seguida, na maior parte dos casos, o tradutor é omitido na edição final, exceto nos casos de tradutores espanhóis que são autores de várias traduções da coleção e de alguns tra-



Retrato de Victoria Ocampo, fundadora da revista *Sur*.

A revista *Sur* deixou de ser editada, mas existe um blog na Internet que traz um pouco de sua história, confira: <http://revistasur.blogspot.com/>.

dutores argentinos que realizaram traduções *ad hoc* para a coleção ou que já haviam traduzido o texto no século XIX e este foi reeditado na coleção.

Em poucas palavras, Willson (2004, p. 55) caracteriza o projeto da seguinte forma: a base da coleção da Biblioteca de *La Nación* foi de literatura de entretenimento, embora tenha diversificado a oferta para outras propostas estéticas que, sem dúvida, contribuíram para ampliar “as habilidades leitoras de um novo público”.

Um segundo projeto levado a cabo a partir de 1922, por Antonio Zamora, é o da revista *Los Pensadores*, cujo objetivo é facilitar ao leitor determinadas obras de autores estrangeiros. Segue-se a esse primeiro empreendimento a revista *Claridad*, que depois se tornará uma cooperativa editorial. Aparece nesse projeto muito claramente a concepção da literatura como veículo de esclarecimento, como aparelho portador de ideias, reflexões, ensinamentos e modelos (Cf. Montaldo *Apud* Willson, 2004, p. 58). Nesse sentido, prevalecem, no catálogo da coleção, as obras ficcionais que se entende serem capazes de ensinar mediante a retórica particular do realismo. A omissão dos nomes dos tradutores é quase uma regra, subordinada à ideia de preponderância do conteúdo ou do pensamento supostamente expresso no texto sobre sua forma estética.

Na esteira desse filão comercial, o jornal *Crítica* publica uma série de textos literários europeus entre dezembro de 1924 e outubro de 1926. A proposta é editar as obras “mais universais” da literatura, a preços populares. Nessa coleção, os tradutores também raramente são mencionados, a menos que já tenham uma atividade prévia no âmbito da cultura argentina vinculada à imprensa local.

O projeto levado a cabo pela editora *Tor* (fundada em 1916 por Juan C. Torrendel) deixa qualquer comprometimento político (como o que se anuncia no projeto de *Claridad*) para difundir literatura de entretenimento a preços irrisórios e em edições com baixa qualidade de papel. Nesse mesmo sentido, cria-se a *revista Leoplán (1934)*, que publica um romance completo a cada número; incluem-se nessa coleção os grandes romances realistas do século XIX, mas também o policial popular do século XX. Em ambos os casos, a omissão dos nomes dos tradutores continua sendo uma característica marcante.



Capa da revista *Leoplán* de [193-].

Segundo Willson (2004, p.66), a grande mudança virá com o projeto estético de *Sur*, que abandonará as intenções pedagógicas e conduzirá a literatura traduzida para o plano fundamentalmente literário: os livros editados por *Sur* pressupõem um leitor que já adquiriu o hábito da leitura. Está por trás desses projetos editoriais um debate estético mais amplo, relativo à dualidade, forma e conteúdo. De um lado, estaria uma concepção formalista da literatura e de outro a literatura em uma dimensão pedagógica. O que está em jogo são dois modos de conceber a literatura e a questão da tradução (o que e como traduzir) aparece subordinada à opção por um desses dois lados.

Os projetos editoriais anteriores ao do grupo *Sur* estariam voltados, segundo Patricia Willson, para uma compreensão da literatura como meio e não como fim em si mesma; os integrantes da revista *Sur*, por sua vez, passam a defender uma nova poética do relato, segundo a qual a composição é um valor central da literatura (WILLSON, 2004, p. 71). Na década de 1940, com Borges, Ocampo e Bianco (tradutores escolhidos pela autora para a análise), ocorre uma mudança no tipo de textos que se traduz na Argentina: passam a privilegiar-se textos que carregam uma possível renovação estética na literatura receptora. Concomitantemente, opera-se uma mudança no próprio modo de traduzir e na relação estabelecida com o tradutor: o ato de traduzir passa a ser pensado como “exercício de escritura”, o tradutor se torna escritor argentino e vice-versa, e em suas traduções entram em jogo não somente concepções sobre a prática da tradução, mas também sobre a literatura nacional, sua relação com literaturas estrangeiras, e concepções sobre autor e leitor. A tradução torna-se explicitamente um problema literário, que será objeto não somente de diferentes soluções, mas também de diferentes reflexões (WILLSON, 2004, p. 74).

Três escritores: três projetos

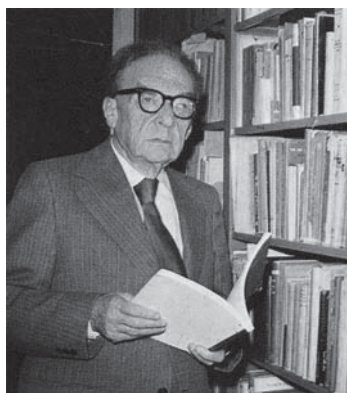
a. Victoria Ocampo: tradutora romântica

Victoria Ocampo, antes traduzida do que tradutora, concebe a tradução como arte mimética, como arte imitativa. Nessa perspectiva, a mimesis do original só pode ser imperfeita ou, por vezes, impossível. Em seu ensaio sobre a *Divina comédia*, Ocampo defende a tese de que a singularidade elevada do original não pode levar a outra coisa senão

Suas ideias sobre tradução aparecem em seu primeiro livro: De Francesca a Beatrice, ensaio sobre a Divina Comédia de Dante; o livro foi escrito em francês (em 1921) e traduzido para o espanhol por Gaspar de Baeza em 1924 (Cf. Willson, 2004, p. 75).

à pobreza da tradução: “A conjunção de palavras justas, ardentes, que se acendem mutuamente e iluminam o pensamento de forma mágica constitui o elemento intraduzível, inapreensível” (Ocampo *Apud* Willson, 2004, p. 77; tradução livre para o presente livro).

A discussão sobre a intraduzibilidade do texto literário, de determinado gênero literário ou de certos autores, adquirirá densidade nas reflexões sobre a tradução. *Roman Jakobson* irá afirmar que “a poesia é, por definição, intraduzível”. Jorge Luis Borges, por sua vez, defenderá a ideia de que “inclusive os versos são traduzíveis”; o escritor dirá: “Quanto a mim, acredito nas boas traduções de obras literárias (das didáticas ou especulativas, nem se fala) e opino que até os versos são traduzíveis” (Borges *Apud* Willson, 2004, p. 78; tradução livre para o presente livro).



1896-1982: pensador russo, pioneiro da análise estrutural da linguagem.

A despeito de sua concepção da tradução como impossibilidade, Ocampo levou a cabo um projeto editorial na revista *Sur* que tinha como prática central a tradução literária. Para explicar esse aparente paradoxo, Willson recorre à diferenciação entre uma concepção clássica e outra romântica da tradução. Na crítica sobre tradução, Ocampo recorreu a uma concepção romântica, que enaltece a figura do autor e se preocupa em resgatar suas peculiaridades e sua história de vida. No entanto, no projeto editorial da revista, Ocampo colocou em prática uma concepção clássica da tradução, que privilegia a obra e não seu autor e que se caracteriza por traduzir a obra sem manter o colorido da língua, da época ou da cultura de partida (Cf. Mounin *Apud* Willson, 2004, p. 82).

O que entra em jogo no projeto editorial de *Sur* não é um autor, mas toda uma literatura: as estratégias de escolha do que será traduzido correspondem, segundo Willson (2004, p. 84), a um imaginário daquilo de que a literatura argentina carecia e cuja importação seria benéfica para o sistema local. Nesse sentido, a partir desse projeto, muda a função cumprida pela literatura traduzida na Argentina: *Sur* foi pioneira na prática tradutória como forma de “descobrimto” de uma nova literatura.

Segundo o levantamento feito por Patrícia Willson (2004, p. 98), Victoria Ocampo traduziu, fundamentalmente, o diálogo teatral (Camus, Osborne), versões muito dialogadas de narrativa (Graham Greene) ou relatos da própria experiência de vida (T.E. Lawrence). Uma possível

explicação para essa seleção seria justamente a concepção romântica de que falávamos antes: o enaltecimento da presença do eu do autor em sua obra literária. Assim, Ocampo teria escolhido traduzir aqueles textos que se aproximassem de sua forma de estabelecer a relação com o leitor: a sublimação ou transposição do *eu* para o texto.

A ideia de que o artista, o gênio criador, é o único que possui uma relação dotada e representativa com uma língua, levou-a, por sua vez, a estratégias de tradução marcadas por uma grande aderência ao texto fonte, que seria, segundo sua concepção, a emanção direta do gênio (Cf. WILLSON, 2004, p. 109). Nesse sentido, apareceria como traço geral de suas traduções o que Lawrence Venuti chamou de “estratégias estrangeirizantes”, em detrimento de estratégias de facilitação da leitura e compreensão por parte dos leitores *rioplatenses*: não tradução de nomes próprios, não domesticação de referências geográficas, recorrência a empréstimos da língua estrangeira, grande número de notas explicativas.

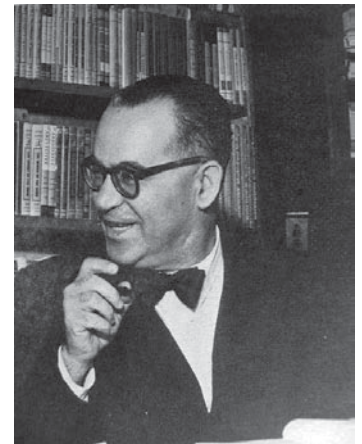
b. Jorges Luis Borges: tradutor vanguardista

Borges apresentará uma concepção ampliada de tradução. Segundo o escritor, traduzir é um ato presente também na leitura, releitura, escrita, reescrita ou importação de objetos culturais. Nessa mesma linha, o escritor *Guimarães Rosa* afirmará em carta ao tradutor de *Grande Sertão: Veredas* para o italiano:

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse “traduzindo” de algum alto original, existente alhures, no mundo astral ou no “plano das idéias”, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando nessa “tradução”. Assim, quando me “re”- traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do “original ideal”, que eu desvirtuara... (Rosa em BIZZARRI, 1980, p. 63-64)

A noção de tradução está implícita na de escritura: escrever não deixa de ser uma forma de traduzir o mundo. Ainda nessa perspectiva, Antoine Compagnon nos diz:

Escritura e leitura coincidem: a leitura será uma escritura, da mesma forma que a escritura era uma leitura, já que em *O Tempo Redescoberto*, a escritura é descrita como a tradução de um livro anterior, e a leitura como uma

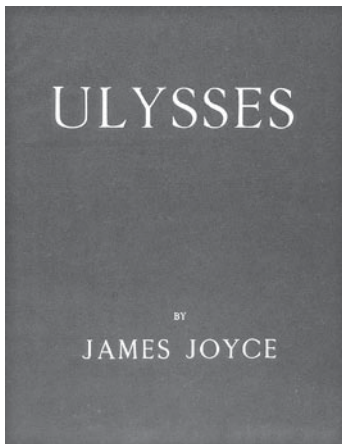


Guimarães Rosa, autor de Grande Sertão: Veredas.

nova tradução num outro livro interior. “O dever e a tarefa de um escritor”, concluía Proust, “são os de um tradutor” (COMPAGNON, 2001, p. 144-145).

Entra aí a noção de “intertextualidade” que será desenvolvida posteriormente por Julia Kristeva, indicando que “todo texto é absorção e transformação de outro texto” (Kristeva *Apud* Carvalhal, 2006, p. 50). As diversas tradições literárias estão em diálogo: ler, escrever e traduzir são configurações desse diálogo. E uma estratégia da poética de Borges seria justamente situar no contexto *rioplatense* os objetos literários que encontra em outras tradições literárias (Cf. WILLSON, 2004, p. 116).

Um dos exemplos discutidos por Willson é a tradução feita por Borges das duas últimas páginas do *Ulisses*, de James Joyce, publicada na revista *Proa* em agosto de 1924. Nesse caso, a estratégia de Borges revela uma atitude provocativa de importar de modo fragmentário um importante texto da tradição ocidental, retirando-o de seu contexto e traduzindo-o independentemente do romance no qual está inserido. Completando essa descontextualização, Borges traduz retirando marcas da língua e cultura de partida - como os nomes próprios que remetem explicitamente a lugares em Dublin - e escolhendo certas formulações sintáticas e lexicais que funcionam como incrustações *rioplatenses* no texto - como, por exemplo:



Capa da primeira edição de *Ulisses*, romance escrito por James Joyce.

Esas masas divinas de lo de Lipton.

Como tradução para:

Those fairy cakes in Lipton's.

Enquanto *Lipton's* no texto de partida se refere a um local, a uma associação de comerciantes de chá, vinho, bebidas, com local determinado na cidade de Dublin, no texto traduzido ele adquire outro caráter e pode ser associado ao nome de algum estrangeiro que possui comércio em algum lugar não claramente identificado geograficamente. A construção “de lo de Lipton”, complementarmente, introduz um modo de falar facilmente reconhecido pelo leitor *rioplatense*, assim como o substantivo “masas” se refere a um hábito alimentar comum na Argentina.

Observa-se assim que, ao contrário das estratégias estrangeirizantes utilizadas por Ocampo, Borges opta por domesticar as referências

culturais construídas em função de um lugar geográfico e por construir uma nova associação espaço temporal, mais familiar na cultura receptora: recorre a paisagens conhecidas nos pampas para traduzir alguns elementos que servem para a construção de um *locus* e domestica termos que remetem a uma cultura anglófona. Já na tradução de “Palmeiras Selvagens”, de William Faulkner, Borges opta por combinar os empréstimos de vocábulos estrangeiros com a inclusão de termos pertencentes à fala coloquial do *Rio de la Plata* (cf. WILLSON, 2004, p. 178-179).

A estratégia de Borges deve ser entendida dentro de uma discussão fundamental no início do século XX, que diz respeito à construção de uma língua e uma cultura nacionais: como ser autêntico sendo colonizado? Como definir o próprio, sendo subordinado a uma cultura estrangeira que se apresenta como dominante? Estamos agora do lado oposto da discussão apresentada por Berman sobre a concepção de tradução para os franceses no século XVIII: agora não se trata de uma cultura que se acredita superior, traduzindo literatura estrangeira de modo a “embelezá-la”; trata-se de um país colonizado que pretende se inscrever na tradição literária ocidental dominante e que se pergunta como poderá fazê-lo. Nesse sentido, afirma Borges no ensaio *El tamaño de mi esperanza*: “Buenos Aires já é, mais que uma cidade, um país, para o qual se deve encontrar a poesia, a música, a pintura, a religião e a metafísica que se adunem à sua grandeza” (BORGES, 2005, p. 16; *tradução* livre para este livro).

“Ya Buenos Aires, más que una ciudad, es un país y hay que encontrarle la poesía y la música y la pintura y la religión y la metafísica que con su grandeza se avienen. Ése es el tamaño de mi esperanza.” (A grafia ciudad é proposital e tem justamente a ver com a busca de uma língua própria, na medida em que se aproxima da oralidade rioplatense).

Borges também promove uma inovação na literatura argentina através da escolha dos textos a traduzir: ao optar, por exemplo, por *Orlando*, de Virginia Woolf, afirmando que este seria seu melhor romance, o escritor-tradutor difere da apreciação geral dos romances que consolidaram a intervenção de Woolf na narrativa do século XX e rompe com uma tradição na Argentina que privilegiava a tradução de textos entendidos como “realistas” (Cf. WILLSON, 2004, p. 141-142). Alguns críticos destacam, por sua vez, a importância dessa tradução de Borges e outras publicadas na revista *Sur* para o desenvolvimento da narrativa latino-americana: John King, por exemplo, destaca o reconhecimento dado por García Márquez a essas traduções:

Os escritores do *boom* leriam algumas importantes traduções de escritores europeus e americanos em *Sur*. Por exemplo, a recente edição da conversa

entre Gabriel García Márquez e Plínio Apuleyo Mendoza ilustra em várias ocasiões a importância de *Sur* na Colômbia (King *Apud* Willson, 2004, p. 144).

Segundo Willson (2004, p. 169), as traduções de Joyce, Woolf, Kafka e Faulkner feitas por Borges introduziram, efetivamente, uma mudança na seleção de textos importados na Argentina. Além disso, fomentaram a reflexão sobre a tradução dos aspectos estilísticos de um texto, como a musicalidade da prosa.

c. José Bianco: tradutor clássico

A concepção de José Bianco sobre a tradução é que esta deve ser o mais clara possível, beirando a imperceptibilidade:

Acredito que uma tradução deve ser o mais fluida possível, para o leitor não lembre a toda a hora que está lendo um livro traduzido e, ao mesmo tempo, deve seguir o delicado ajuste verbal do estilo na sua língua de origem (Bianco *Apud* Willson, 2004, p. 185)

Segundo Willson, essa concepção carrega um aspecto mercadológico: os livros traduzidos em Buenos Aires eram lidos também em Madri, México, Santiago, Lima, Bogotá, Havana, Montevideu, Caracas, La Paz, entre outras localidades, de modo que o público leitor abarcava diversas variedades da língua espanhola. Nesse sentido, ao contrário de uma “tradução identitária” (empenhada em estabelecer sem deixar dúvida o espaço geográfico de enunciação), concebe-se uma tradução mais neutra, que aspire a uma *língua franca* capaz de incluir a diversidade e não marcar as diferenças locais.

Na perspectiva de Bianco, a “tradução identitária” convém somente para os textos teatrais destinados à representação; caso contrário, a estratégia válida seria superar a diversidade através da criação de uma língua tradutória destituída de traços vernaculares. Nesse sentido, o escritor-tradutor constrói uma poética de tradutor que contempla o âmbito de circulação do texto traduzido (Cf. WILLSON, 2004, p. 188).

Certamente, você já se lembrou da teoria da “invisibilidade” do tradutor, de Lawrence Venuti. É justamente isso: a fluidez do discurso e a transparência do tradutor são tidos como valores, inclusive como estratégia para o mercado editorial.

Uma das manifestações da concepção de tradução “invisível” é o postulado da conveniência de uma empatia entre autor e tradutor. Essa afinidade, chamada por Venuti de “simpatia”, garantiria a qualidade da tradução: a coincidência em planos literários e extraliterários daria maior liberdade ao tradutor, que captaria facilmente o sentido profundo do texto de partida e seria capaz de reescrevê-lo em sua própria língua, restituindo “naturalmente” o conteúdo verdadeiro do texto, assim como o estilo verdadeiro do autor (Cf. WILLSON, 2004, p. 192).

José Bianco traduz, assim, *Henry James*, autor com quem teria uma grande “afinidade”: a preferência pelas novelas curtas, o narrador em primeira pessoa que legitima um tom dialógico na narrativa, a motivação psicológica na construção das personagens ou a dupla interpretação possível no desenlace do enredo.

Na tradução de *The turn of the screw (Otra vuelta de tuerca, 1945)*, Bianco combina domesticação e estrangeirização. Por um lado, interveio ativamente no plano da sintaxe (dividindo orações, segmentando e deslocando sintagmas com grande liberdade), aproximando o texto da língua de chegada. Por outro lado, manteve referências culturais, como topônimos (nomes próprios de lugar) e patronímicos (relativos ao nome do pai ou nomes de família). Assim, afirma Willson (2004, p. 203; tradução livre para este livro): “para o leitor imaginado por Bianco, então, a referência cultural estrangeira não afetaria a clareza e fluidez da narrativa”.

A constelação Sur

Todo o trabalho levado a cabo pela revista *Sur*, em especial pelos três escritores escolhidos por Willson para seu estudo (Ocampo, Borges e Bianco), teve importantes irradiações no campo cultural argentino. Primeiramente, a ruptura com as intenções pedagógicas, com os planos de leitura pensados, por exemplo, pela Biblioteca *La Nación*, como comentado inicialmente. Uma característica nesse sentido é que os livros da editora não estavam classificados em coleções. Produção nacional e literatura estrangeira se misturavam. A divisão era feita por gênero (ensaio, romance), de modo que cabia ao leitor ordenar, priorizar e escolher em função de sua curiosidade ou de sua afinidade estética. Um critério de publicação, segundo a ideali-



Retrato de Henry James,
desenhado por John Singer
Sargent (1912).

zadora do projeto, era escolher obras que outras editoras não se atreviam a publicar, de forma que havia uma preocupação com a novidade.

O projeto editorial de *Sur* se desdobra na criação da editora *Sudamericana*, em 1939, período em que a Argentina se encontra no auge da indústria cultural. Como já foi indicado, entre 1936 e 1956, há dezenas de editoras ativas no país, o livro argentino domina o mercado interno e se expande para o México, Chile, Peru, Colômbia, Cuba, Uruguai, Bolívia, Venezuela. Nem todas as editoras publicavam literatura estrangeira, mas a proporção de obras de ficção provenientes de países não falantes de espanhol era considerável (Cf. WILLSON, 2004, p. 233-234).

As estratégias de tradução divergiam nas diferentes editoras, como já foi dito: algumas sequer mencionavam os tradutores, outras mantinham planos sólidos de tradução em várias de suas coleções, com a participação de tradutores argentinos. O caso de *Sur* é emblemático porque com ela se reconfigura o modelo e importação de literatura no país.

Primeiramente, a prática da tradução como atividade central em *Sur* confere certa unidade ao grupo de intelectuais a ela vinculado. Além disso, a profusão de editoras, na década de 1930, permitiu a circulação de escritores e tradutores vinculados a *Sur*, configurando uma verdadeira rede ativa na incorporação da literatura estrangeira na literatura nacional (Cf. WILLSON, 2004, p. 240).

A intensa atividade chegou a introduzir novos gêneros literários no sistema local, como o gênero policial trazido por Borges e Bioy Casares a partir da criação da coleção *El séptimo círculo* (1944, pela editora Emeché). O “aparelho importador” configurado por *Sur* contribuiu não somente para a introdução de novos gêneros literários, mas também para a legitimação de figuras de escritores, como D.H. Lawrence, que passa a ser traduzido quase como reação em cadeia desde a primeira tradução publicada na revista *Sur*, em 1933 (Cf. WILLSON, 2004, p. 248). Esse “aparelho importador” é também constituído pelas resenhas e comentários críticos que contribuem para a eficácia da incorporação das traduções na literatura receptora; nesse sentido, também são destacados por Willson (2004, p. 251) os ensaios sobre a narrativa norte-americana publicados em *Sur*, que contribuíram para a legitimação de uma série de



Último exemplar da revista *El séptimo círculo*, n° 366, de abril de 1983 e com tiragem de 8 mil exemplares.

escritores até então pouco reconhecidos no país. Da mesma forma, as resenhas de todos os textos traduzidos pela editora, que contribuíram para a legibilidade de certos autores dentro do sistema literário argentino.

A grande inflexão é assim resumida por Patrícia Willson (2004, p. 273): importantes escritores da literatura nacional passam a intervir como tradutores, ou ganham destaque tradutores com sólida formação literária; ocorre uma renovação na escolha de textos estrangeiros a serem traduzidos. A tradução se transformou, nesse período, em uma das formas de elaborar um novo repertório de modelos literários; difundiram-se, através de textos estrangeiros traduzidos, novos modos de representação e também novos materiais e padrões de composição.

Os três escritores-tradutores configuram-se como expoentes de diferentes concepções de literatura e práticas tradutórias. Todos eles, entretanto, participantes ativos dessa constelação que estende suas linhas imaginárias até hoje no campo literário argentino.

Sugestões de leitura

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *A posición da traducción literaria dentro do polisistema literario*. Versão galega de X.M. Gómez, C. Noia e M. Sola Bravo. Introdução de Camino Noia. *Viceversa*, 2, 1996, pp.59-65.

LEFEVERE, André. *Traducción, reescritura y la manipulación del canon literario*. Traducción de Maria Carmen África Vidal y Román Álvarez. Salamanca: Ediciones Colefio de España, 1997.

WILLSON, Patricia. *La Constelación del Sur. Traductores y Traducciones en la literatura argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.

1.4 A trajetória dos estudos da tradução no Brasil

Ao iniciar esta nossa conversa sobre a trajetória dos Estudos de Tradução no Brasil, é preciso que você lembre que, quando falamos sobre o Brasil, independentemente do tema que escolhermos, somos confrontados com as dimensões gigantescas do país, inevitavelmente.

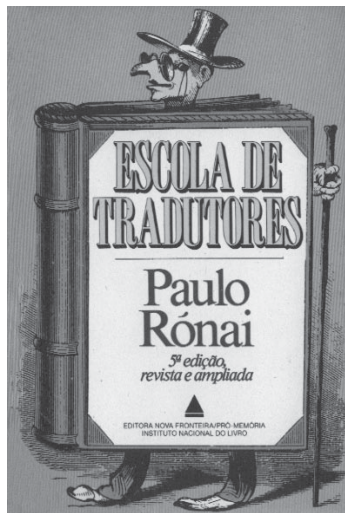
Como o próprio Brasil, também a Área de Estudos da Tradução é ainda “jovem”. Pesquisas sistematizadas (Maria Paula Frota e Márcia A. P. Martins, 2007; Maria Lúcia Vasconcellos e Adriana Pagano, 2003) marcam o início oficial dessa trajetória, caracterizando-a como campo de investigação, a partir de seu contexto histórico, o qual tem como marco inicial a publicação, em 1952, do pioneiro “*Escola de tradutores*” de *Paulo Rónai*. Tal contextualização apresenta a produção bibliográfica exclusivamente voltada para a tradução e a institucionalização desta no país em diversas frentes, como a do ensino e a das associações profissionais e acadêmicas.

Nossa proposta é fazer um balanço dos estudos da tradução desenvolvidos no Brasil, principalmente, mas não exclusivamente, a partir de 1996, ano em que foi lançado o primeiro número de *Cadernos de Tradução* (Universidade Federal de Santa Catarina). Neste sentido, apresentamos a você, a partir dessa data, um recorte da pesquisa em ensino de tradução no cenário nacional.

As contribuições aqui inseridas representam o pensamento de pesquisadores brasileiros, no que se refere à formação de tradutores e pesquisadores em estudos da tradução. Assim, incluímos aqui alguns dos principais fóruns de produção e intercâmbio de conhecimentos da disciplina, enfatizando os trabalhos nela realizados de modo a discernir suas principais áreas e sub-áreas de interesse, seus objetos de pesquisa e perspectivas teórico-metodológicas. Define-se, assim, uma marcante expansão dos estudos brasileiros sobre a tradução, acompanhada de ampliação de acentuada diversidade que desde o início os caracterizou.

Em 1988, houve o reconhecimento da tradução como uma profissão liberal no Brasil. Como se poderia esperar, a demanda criada por novas oportunidades de trabalho e pelo reconhecimento da profissão representou um grande incentivo ao oferecimento de cursos de formação de tradutores e, conseqüentemente, o crescimento do ensino e da pesquisa no campo da tradução no país tem sido significativo.

Desde os primeiros anos da década de 70, grandes transformações foram constatadas na área de tradução em terras brasileiras: a grande novidade foi a criação de cursos universitários de formação de traduto-



Rónai, Paulo. *Escola de tradutores*. 5 ed., rev., aum. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Fronteira; INL, 1987. 171 p. Coleção Lygia Fagundes Telles.

res em todo o país, provocando um renovado interesse pela área, seus fundamentos, seu ensino e, necessariamente, pela sua pesquisa (Bordenave, 1996, *in* Martins, 2007). Esses cursos universitários de formação de tradutores restringiam-se, inicialmente, aos níveis de graduação e extensão; somente mais tarde começaram a surgir as pós-graduações *lato sensu*, ou especializações, hoje cada vez mais numerosas e procuradas.

Até os dias de hoje, porém, somente a Universidade Federal de Santa Catarina possui um Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos de Tradução, a PGET. O Programa existe desde 2003 e recebeu seus primeiros mestrandos no primeiro semestre de 2004. Até bem pouco tempo antes, como já mencionado, o ensino de tradução no país era tradicionalmente desenvolvido em nível de graduação, como na Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de São Paulo de São José do Rio Preto, por exemplo, ou ainda em nível de especialização, como na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC). Além disso, foi nas instituições particulares que este tipo de curso ganhou corpo, especialmente, pelo viés prático, como é o caso UNIBERO e Mackenzie de São Paulo.

No Brasil, apesar dos grandes esforços de muitos docentes e instituições tradicionais e de renome, como a USP, nunca se havia conseguido formalizar um curso *stricto sensu* de pós-graduação em tradução. Talvez um dos motivos disso fosse o não reconhecimento da tradução como uma área independente junto aos órgãos de fomento brasileiros.

Em um artigo publicado por Marie-Hélène Torres e Andréia Guerini (2006), podemos acompanhar a trajetória do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos da Tradução (PGET), da Universidade Federal de Santa Catarina que, fugindo a esta regra, é o primeiro curso a ser criado e aprovado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no Brasil, como já citado acima, em setembro de 2003. A proposta para a criação do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução está apoiada no desenvolvimento geral da área da tradução, que, nos últimos anos, vem vivenciando grande crescimento no Brasil e em outros países.

Também o curso de Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vem participando deste processo, uma vez que

os docentes que atuam na pós-graduação o fazem também na graduação, ou seja, não existe a figura do *professor de pós-graduação*. Por outro lado, os docentes da área dos estudos da tradução, geralmente, ministram disciplinas de licenciatura e bacharelado em português, alemão, espanhol, francês, inglês e italiano, tais como Prática da Tradução, Tradução Literária, Teoria da Tradução, Tradução para o Ensino de Línguas e Lexicografia, dentre outras, ou seja, já trabalham focados em língua estrangeira. Desta forma, a formação de pesquisadores capazes de equilibrar a reflexão teórica, a crítica e a história da tradução bem como o suporte lexicográfico voltado ao ensino de língua são cuidadosamente construídos ao longo dos anos e representam os pontos fortes deste novo programa.

O programa de pós-graduação em Estudos da Tradução *stricto sensu* da UFSC tem como principal objetivo formar profissionais competentes para o exercício das atividades de pesquisa em tradução propriamente dita e do magistério superior na área de tradução. O profissional em tradução encontra áreas de atuação nas instituições de ensino superior bem como em instituições culturais e editoras onde pode contribuir para uma reflexão cada vez mais abrangente e crítica do cenário tradutológico, assim como para uma melhoria significativa da produção das traduções no país. Para tradutores que já atuam no mercado de trabalho, a qualificação teórica e os horizontes das pesquisas em tradução são uma complementação valiosa e favorecem a emancipação da área de tradução.

Saindo do âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina, vemos o ensino de tradução implementado em outras tantas universidades, promovendo naturalmente a pesquisa, os congressos, as publicações e as associações acadêmicas. Segundo Paes (José Paulo Paes, autor de *Tradução: a ponte necessária*, publicado em 1990; *in* Frota, 2007), o ensino universitário estimulou os “estudos de tradutologia”. É a partir da iniciativa de professores universitários (Maria Candida Bordenave, da PUC do Rio, e Edson Rosa da Silva, da UFRJ) que, em 1975 e em 1986, foram criados dois importantes fóruns de reflexão sobre a tradução – respectivamente, o Encontro Nacional de Tradutores e o Grupo de Trabalho de Tradução da ANPOLL [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística]. Considerando-se que o II Encontro só se realizou dez anos depois do primeiro, quando então passou a realizar-se a cada dois ou três anos e a con-

tar com a publicação de anais, podemos dizer que é nessa segunda metade da década de 1980 que se fortaleceram as raízes que viriam a consolidar e expandir a produção brasileira no campo dos estudos da tradução. Os anais dos Encontros de Tradutores (1985, 1987 etc.) e do GT da ANPOLL (1987, 1988, 1989 etc.) comprovaram essa afirmação. Cabe ainda mencionar como promotores de cursos, palestras e boletins a Associação Brasileira de Tradutores - ABRATES, e o Sindicato Nacional dos Tradutores - SINTRA. A primeira, criada em 1974, juntou-se à PUC/RJ na organização dos dois primeiros Encontros, em particular através de Paulo Rónai. Ela foi desativada em 1988, ano em que se criou o SINTRA, mas voltou a funcionar em fins de 1999 e retomou a promoção de cursos e agora também de congressos.

Assim sendo, se o período a que até agora nos ativemos, 1952-1990, caracteriza-se, como escreveu Paes (José Paulo Paes, *in* Frota, 2007), por uma “ainda pobre bibliografia tradutológica”, o mesmo não se pode dizer dos anos que lhe sucederam – o que representa claramente o crescimento da área.

Vemos que, também, multiplicaram-se os cursos de formação de tradutores em outras instituições, acompanhando e sustentando a expansão e profissionalização do mercado. Tais cursos, de naturezas diversas – graduação, extensão, especialização e livres –, geraram uma demanda de professores especializados, o que levou à inserção dos estudos da tradução, em geral sob a forma de linha de pesquisa, em programas de pós-graduação. Esse fato, por sua vez, foi cada vez mais intensificando a pesquisa na área e, com isso, a publicação de trabalhos e o intercâmbio acadêmico em diversos fóruns nacionais e internacionais.

Neste sentido, segundo Frota (2007), deve-se chamar a atenção para a diversidade que caracteriza os estudos brasileiros sobre a tradução desde o seu início e que, veremos, vai tornando-se cada vez mais nítida e abrangente. É no contexto bibliográfico e institucional acima esboçado que a Universidade Federal de Santa Catarina, através de seu Núcleo de Tradução, lança, em 1996, o primeiro número de *Cadernos de Tradução*, que vem ocupando importante espaço em nosso país para a produção da área. Até 1999, a revista publicou quatro números anuais e a partir de 2000, aparentemente, tornou-se semestral, contando hoje com mais de vinte números já publicados e outros em processo de finalização.

Quando lançada, a *Cadernos de Tradução* veio somar-se à única revista especializada então existente, a *TradTerm* (USP), que, como já dito, surgira em 1994, e que tem hoje mais de doze números publicados. Mais recentemente, em 2001, foi retomada pela UNIBERO a *Tradução & Comunicação*, com o seu décimo número anual, quebrando um silêncio que se mantinha desde 1986, quando saiu o seu número 9; até 2006 essa revista tinha 13 números publicados. A área de tradução da PUC do Rio lançou, em 2004, a *Tradução em Revista*, também anual, com perspectivas de se firmar como mais um fórum relevante para os estudos da tradução brasileiros. Uma outra iniciativa importante da UNIBERO consistiu na promoção, em 1998, do I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (CIATI), que vem sendo realizado a cada dois anos, sempre com a participação de estudiosos de várias partes do mundo e com grande afluência de docentes e discentes pesquisadores, ligados a inúmeras instituições brasileiras. Paralelamente aos já comentados Encontros Nacionais de Tradutores, realizados pela ABRAPT, em parceria com diferentes universidades do país, e dos trabalhos que o GT de Tradução da ANPOLL vem, ininterruptamente, produzindo desde a sua criação, contamos hoje – entre periódicos, eventos e anais desses eventos – com um significativo celeiro institucional de reflexões sobre a atividade tradutória.

Talvez devêssemos colocar que a base central deste processo situa-se nas várias universidades que contemplam o ensino e a pesquisa no campo da tradução, em particular, através de seus programas de pós-graduação. Como já mencionado, os estudos da tradução, em geral, figuram nesses programas (e também na graduação) como sub-áreas ou linhas de pesquisa em “departamentos que desenvolvem estudos de linguagem e de literatura, sob várias denominações como Letras, Teoria Literária, Literatura Comparada, Línguas Modernas, Lingüística e Semiótica” (Martins, 2005, p. 127).

Apropriando-se das informações contidas no artigo de Azenha (no prelo), você pode acompanhar o percurso dos Estudos da Tradução na USP, São Paulo. Criado em 1978, como modalidade da graduação, o Curso de Tradução funcionou nesse modelo institucional até 1980, passando depois, em 1981, a Curso Extracurricular. Essa mudança, ao mesmo tempo em que propiciou a ampliação da carga horária de trabalho para 1200

horas-aula, tirou a tradução da estrutura curricular da Universidade. E assim, à margem dos estudos desenvolvidos em Letras, a tradução permaneceu por mais de uma década. Ao longo desse período, e acompanhando a constituição do campo disciplinar específico dos Estudos da Tradução no Brasil, a tradução ainda não possuía um perfil específico, sendo entendida (na USP), basicamente, como instrumento para o aprofundamento dos conhecimentos em língua estrangeira a serem adquiridos pelos estudantes.

Em 1992, o Curso de Tradução adquiriu o *status* de Curso de Pós-Graduação *lato sensu*. Mesmo com a carga horária reduzida para 720 horas-aula, essa nova fase do curso marca seu encontro com uma identidade construída, de um lado, no diálogo com os Estudos da Tradução desenvolvidos no Brasil e no exterior e, de outro, na sua inserção nos eixos já citados aqui. Paralelamente a isso, a grande demanda pelo Curso de Tradução incentivou o intercâmbio entre esse nível de formação e os estudos da pós-graduação *stricto sensu*, o que consolidou a presença da tradução em todos os programas de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas (DLM). Disso resultou tanto o surgimento de novas linhas e projetos de pesquisa, quanto a publicação de trabalhos em parceria com editoras comerciais.

Em dezembro de 2004, uma Resolução da Reitoria da USP extinguiu todos os cursos de pós-graduação *lato sensu* da Instituição. Diante disso, professores de todas as línguas e literaturas estrangeiras do Departamento de Letras Modernas – alemão, espanhol, francês, inglês e italiano – reuniram-se para pensar um Projeto de “Tradução na Graduação”, sucintamente descrito a seguir.

Depois de excluída do rol de disciplinas da graduação, em 1980, quando foi extinta como modalidade, a tradução ressurgiu agora no quadro da graduação na USP como disciplina optativa, buscando atender ao direcionamento da formação profissional e acadêmica dos graduandos e respondendo a uma antiga demanda do alunado de Letras, na busca de outras possibilidades de inserção no mercado de trabalho para além da função de professor de línguas e de literaturas estrangeiras.

Saindo do foco da USP e com o propósito de dar visibilidade ao trabalho da equipe de professores voltados aos estudos de tradução da

Universidade Federal de Minas Gerais, gostaríamos, ainda, de citar uma iniciativa (in Frota, 2007) que parece interessante no que tange ao registro histórico de estudos brasileiros da tradução, que é a coletânea organizada por Adriana Pagano (2001), intitulada “*Metodologias de pesquisa em tradução*”. Esse volume apresenta as pesquisas em desenvolvimento pelos quatro professores da área na UFMG, auxiliados por dois então doutorandos – sobre os protocolos verbais e o programa *Translog* - processo cognitivo auxiliado pelo uso do *software* de mesmo nome –, os quais aparentemente trabalharam em estreito vínculo com Fábio Alves que, ao lado de Pagano, integra aquele grupo de professores da universidade mineira.

Um aspecto positivo desse tipo de publicação é o de reunir em um só volume as diferentes linhas de pesquisa de uma instituição, apresentando as particularidades de cada qual e também eventuais pontos de entrecruzamento. As respectivas referências bibliográficas constituem um dado igualmente relevante, na medida em que remetem os leitores para as diversas publicações de cada pesquisador, além, é claro, de informar sobre os seus aportes teóricos.

Com o intuito de mostrar as raízes da atual conjuntura na área de pesquisa em Estudos de Tradução no Brasil, enfocamos alguns aspectos abordados por Pagano e Vanconcellos, em sua pesquisa desenvolvida em 2003, aqui já referida. Como escreveram em seu trabalho a respeito das teses e dissertações sobre tradução defendidas no Brasil, Pagano e Vasconcellos também destacam o seu “caráter nômade”, “um trabalho altamente diversificado e fragmentado quanto à sua afiliação institucional a diferentes programas de pós-graduação” (2003, p. 3).

Nesse seu estudo, Pagano e Vasconcellos fazem um levantamento e uma análise das teses de doutorado e de livre docência (respectivamente 39 e duas) e dissertações de mestrado (54) sobre tradução, elaboradas por pesquisadores brasileiros em instituições brasileiras (doze) e estrangeiras (cinco) nas décadas de 1980 e 1990.

As autoras registram, segundo Frota (2007), “um aumento gradual [dessas] teses e dissertações ao longo da década de 1990, com alta concentração da produção, tanto em nível de mestrado como de doutorado, nos anos de 1998, 1999 e 2000” (p. 6), último ano integralmente

investigado por elas. Também registram o fato de que o Brasil, nas duas últimas décadas, acompanhou a “grande expansão dos Estudos da Tradução no contexto internacional” (p. 5).

Várias dessas teses e dissertações, além de servirem de base para um sem número de artigos, foram publicadas em forma de livro. Conforme se constata no acervo da PUC-Rio, dos onze livros sobre tradução publicados entre 1999 e 2003 por pesquisadores brasileiros, apenas dois não se inserem nesse caso – o de Ofir B. de Aguiar, *Abordagens teóricas da tradução*, de 2000, e o de John Milton, *O Clube do Livro e a tradução*, de 2002. Listo abaixo (in Frota, 2007) os títulos em questão:

- *Tradução e diferença*, de Cristina C. Rodrigues, 1999
- *Ossian no Brasil*, de Ofir B. de Aguiar, 1999
- *Literatura e cinema: da semiótica à tradução cultural*, de Thais F. N. Diniz, 1999 (2ª. ed., 2003)
- *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*, de Maria Paula Frota, 2000
- *Walter Benjamin: tradução e melancolia*, de Susana K. Lages, 2002
- *Tradução de humor: transcriando piadas*, de Marta Rosas, 2002
- *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, de Lia Wyler, 2003
- *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*, de Neuza G. Travaglia, 2003
- *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*, de Solange Mittmann, 2003

As datas de publicação desses livros, oriundos de teses e dissertações, confirmam a constatação de Pagano e Vasconcellos relativamente à concentração de tais trabalhos acadêmicos a partir de 1998. Nestes termos, foi levantado um total de 18 livros entre 1952 e 1993, aos quais

se seguiram, após um hiato de 1993 a 1998, um total de onze em apenas cinco anos, 1999 a 2003. Ou seja, à expansão de teses e dissertações realizadas nos últimos anos se articula uma expansão no lançamento de livros sobre tradução.

Se nos voltarmos para as coletâneas da área, veremos que a expansão na publicação de trabalhos é ainda mais acentuada - nada menos do que 15 coletâneas foram publicadas entre 1996 e 2004. Vejamos quais são elas e seus organizadores:

- *Teorizando e contextualizando a tradução*, Else R. P. Vieira, 1996
- *Limites da traduzibilidade*, Luiz Angélico da Costa, 1996
- *Tradução: a prática da diferença*, Paulo Ottoni, 1998
- *Tradução e multidisciplinaridade*, Marcia A. P. Martins, 1999
- *Práticas discursivas: instituição, tradução & literatura*, Maria José P. Monteiro, 2000
- *Traduzir com autonomia*, Fábio Alves, Célia Magalhães e Adriana Pagano, 2000
- *Clássicos da teoria da tradução v.1 (alemão-português)*, Werner Heidermann, 2001
- *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*, Célia Magalhães, 2001
- *Metodologias de pesquisa em tradução*, Adriana Pagano, 2001
- *Teoria da relevância & tradução: conceituações e aplicações*, Fábio Alves, 2001
- *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*, Ivone Benedetti e Adail Sobral, 2003
- *À margem das traduções*, Ivo Barroso, 2003
- *Tradução: fragmentos de um diálogo*, Ofir B. de Aguiar, 2003
- *Clássicos da teoria da tradução v.2 (francês-português)*, Cláudia Faveri e Marie-Hélène C. Torres, 2004

- *Visões e identidades brasileiras de Shakespeare*, Marcia A. P. Martins, 2004

Com esse levantamento, é possível confirmar a percepção que se vem tendo de um visível aumento no volume de estudos feitos sobre a tradução por pesquisadores brasileiros. Fica, ainda, a reflexão sobre a quantidade de estudos que se poderia contabilizar, se considerássemos todos aqueles que figuram nos anais dos incontáveis eventos nacionais e estrangeiros e nos periódicos especializados ou não. Só a *Cadernos de Tradução*, nos seus dezoito números disponíveis até 2006, publicou nada menos do que 234 artigos, além de 120 resenhas de livros ou traduções e 12 entrevistas!

Finalizando este recorte sobre a trajetória dos Estudos da Tradução no Brasil, podemos, ainda, pontuar dois aspectos: em primeiro lugar, o crescente interesse dos pesquisadores brasileiros em estudos de tradução voltado para seus pares conterrâneos e, em segundo, a diversificação das abordagens, colaborando para uma pluralidade de vozes dentro da área e apontando para a necessária estruturação dos estudos da tradução em diferentes áreas e sub-áreas que procuram dar conta do amplo espectro de suas práticas e modalidades.

Trata-se, assim, de uma área de pesquisa ainda “jovem”, mas que vem crescendo e se diversificando, reforçando os aspectos interdisciplinares da área, constituindo um terreno para o qual há muito convergem interesses próprios a inúmeros campos do saber – dos mais antigos aos mais recentes, como a filosofia, a literatura, a psicologia, a antropologia, a etnografia, o jornalismo e tantos outros.

Convidamos você, caro aluno (a), a voltar mais uma vez à epígrafe dessa nossa última roda de conversas: o caminho se faz ao caminhar e há tantos quantos possíveis para os caminhos da tradução.

Sugestões de leitura:

AZENHA Junior, João. *Do texto para a pesquisa: treinando o tradutor aprendiz para o uso otimizado de fontes*. (no prelo)

FROTA, Maria Paula. *Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil*. Cadernos de Tradução, DOSSIÊ 10 ANOS, Florianópolis, 2007

GUERINI, Andréa; TORRES, Marie Hélène Catherine. *A Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC: trajetórias e projeções*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, 2006.

MARTINS, Márcia A. *A Institucionalização Da Tradução No Brasil: O Caso Da Puc-Rio*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, 2007.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lucia. *Estudos Da Tradução No Brasil: Reflexões Sobre Teses E Dissertações Elaboradas Por Pesquisadores Brasileiros Nas Décadas De 1980 E 1990*. D.E.L.T.A., 19: ESPECIAL, (p. 1-25), PUC, São Paulo, 2003.

Resumo

Nesta unidade, você estudou alguns dos direcionamentos que os estudos da tradução e a tradução enquanto prática em si vem tomando em diferentes contextos como, por exemplo, na Europa, na América do Norte e na América Latina, em especial, nos contextos argentino e brasileiro. Da América do Norte temos os maciços investimentos no mercado editorial brasileiro após a segunda guerra e que nos apresentaram aos *best-sellers* cujos temas eram de interesse do governo norte-americano tais como cultura e sociedade. Era também o governo norte-americano que selecionava e subsidiava os tradutores, além de financiar os custos de produção dos livros. A cultura dos *best-sellers* enfatizou a seleção de livros facilmente assimiláveis para a cultura de chegada de modo a se evitar a queda das vendas. Assim, os valores da cultura fonte eram domesticados ou estrangeirizados a ponto de se criar estereótipos sobre a cultura de origem. Já na década de 80, investiu-se na tradução de trabalhos estrangeiros envolvidos em adaptações dramáticas ou cinematográficas, visando mais uma vez a ampla vendagem e reconhecimento da obra. Surgem, então, grandes e visadas listas de renomados jornais norte-americanos como as do *The New York Times*, *Wall Street Journal* e *USA Today* para ranquear os livros mais vendidos dentro de determinados segmentos temáticos.

Já na América Latina, a tradução assume contornos de renovação para a literatura nacional (especialmente entre as décadas de 1930 e 1950), através da tradução de textos de literatura estrangeira. A literatura traduzida na Argentina assume uma perspectiva crítica situada no

contexto da cultura receptora, considerando as marcas deixadas em uma tradução pelas normas reguladoras da produção literária, no sistema literário de chegada, assim como seus debates estéticos e seus sistemas de representação. Nesse sentido, da perspectiva da língua de chegada, a tradução seria uma “intradução”: uma forma de importar recursos para um espaço literário ainda pouco desenvolvido. Essa introdução de novidades formais através da tradução não é, contudo, uma capacidade inerente, mas sim conjuntural, pois em determinados contextos, a literatura importada pode favorecer mais a tradição que a renovação. As traduções são analisadas a partir de hipóteses de leitura análogas às de análise de textos “originais”, enquanto a crítica de traduções visa torná-las visíveis a si mesmas e descobrir regularidades (não leis) que contribuem para modelar a imagem do estrangeiro e que correspondem a dois tipos gerais de estratégias: aquelas **em torno** do processo e também **no** processo de tradução em si. Nesse item, são abordados, também, projetos de leitura e ampliação do público leitor argentino, tais como: a importação de literatura estrangeira na Argentina (entre 1901 e 1920) e o projeto da revista *Sur* (1931) cuja política cultural está justamente centrada na tradução de textos europeus, a revista *Los Pensadores* (1922) cujo objetivo é facilitar ao leitor determinadas obras de autores estrangeiros. O ato de traduzir passa a ser pensado, então, como um “exercício de escritura” e a tradução torna-se um problema literário, discutindo concepções sobre a prática tradutória enquanto arte imitativa (Ocampo); ato presente na leitura, releitura, escrita, reescrita ou importação de objetos culturais (Borges) e clareza de leitura beirando a imperceptibilidade (Bianco).

Para finalizar, você estudou um pouco sobre a trajetória da disciplina no Brasil. Nesse aspecto, a área é ainda bastante nova e vem sendo marcada pelas muitas pesquisas acadêmicas e sobre o interesse, cada vez maior, em estudar os seus mais diversos aspectos, tais como o ano de 1988, quando houve o reconhecimento da tradução como uma profissão liberal no Brasil, o ano de 1996, com a primeira edição dos Cadernos de Tradução (UFSC), a década de 70, com a criação de cursos universitários de formação de tradutores, dois dos mais importantes fóruns de reflexão sobre a tradução, o Encontro Nacional de Tradutores e o Grupo de Trabalho de Tradução da ANPOLL [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística], promotores de cursos,

palestras e boletins, a Associação Brasileira de Tradutores - ABRATES, e o Sindicato Nacional dos Tradutores - SINTRA. A partir desse início, os cursos vêm gerando a demanda de professores especializados para um curso que sai da esteira da graduação para o âmbito da especialização e pós-graduação, concentrando as pesquisas em nível de mestrado e doutorado, no final da década de 90 e início dos anos 2000. Algumas temáticas recorrentes são: linguagem e subjetividade; tradução inter-semiótica; tradução literária; tradução de humor; traduzibilidade; multidisciplinaridade; metodologias de pesquisa em tradução; antologias; crítica de tradução. Mesmo que através de um breve panorama, você pôde observar caminhos os mais variados e que, acabam, de uma certa maneira, convergindo para um ponto em comum: o crescente interesse pela tradução enquanto área de pesquisa acadêmica, resultando numa pluralidade de vozes que apontam para a necessidade, cada vez mais constante, de parcerias interdisciplinares, estruturação e pesquisadores.

Unidade 2

Discutindo aspectos da tradução

2 Definindo valores na tradução

Neste capítulo, abordamos a relação entre tradução, cultura e ética. Buscamos, a princípio, definir um conceito de cultura à luz da antropologia e da etnografia para então resgatarmos alguns momentos históricos apresentados por Jean Delisle e Judith Woodsworth no livro “Os Tradutores na História”. Num segundo momento, apresentamos o ponto de vista de Venuti (1998) sobre o escândalo da tradução em ser sempre e, inevitavelmente, domesticadora de valores culturais para então compreendermos o seu projeto ideal de uma tradução estrangeirizadora, ou seja, que visa a ética da diferença.

2.1 Definindo (um conceito) de cultura

O que é cultura? Você já parou para pensar sobre isso? Não é fácil definir o termo cultura, pois sempre corremos o risco de deixar de lado algum aspecto importante relacionado a ela. Por essa razão, é interessante pensarmos sobre esse conceito, bastante variável, dependendo do ponto de vista teórico. Para o desenvolvimento deste capítulo, buscamos definições nas áreas da antropologia e da etnografia.

No sentido antropológico, cultura é um conceito-chave para a interpretação da vida em sociedade, um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Isso, no entanto, não significa que devemos hierarquizar o termo ‘civilização’, ou seja, considerar como determinantes aquelas comunidades que ditam padrões, regras e valores culturais. O termo [cultura] apenas indica o modo, o sistema de vida de um grupo, seja um país ou indivíduo, uma marca pessoal, através da qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam, modificam e influenciam o seu próprio sistema e os Outros. Já a etnografia, é uma ciência que descreve os usos e costumes dos povos, registrando fatos observados durante trabalho de campo. A cultura, sob esta perspectiva, é estudada através do modo como a comunicação de um grupo social é padronizada e organizada em sistemas de eventos comunicativos, bem como através das maneiras pelas quais esses eventos interagem com outros grupos culturais.

Assim, a relação entre cultura e produção escrita, nesse caso as traduções, encontra na linguagem, talvez, a sua maior forma de expressão. Basta lembrar que, enquanto característica evolutiva, a linguagem foi o fator decisivo para que nos diferenciássemos de outras espécies, para desenvolvermos a capacidade de criar, organizar e nomear símbolos e significados. Desse modo, cultura e linguagem, de acordo com João Azenha (1999, p. 30), estabelecem uma “relação embrionária” que nos auxilia a compreender determinadas regras, perspectivas e valores familiares, etiquetas, hierarquias sociais que servem de base para o contexto e o conteúdo dos eventos comunicativos e dos processos de interação. Essa relação traduz o processo de formação do homem como um ser social, e define a base para a sua interação em grupo. Desta maneira, a cultura encontra na linguagem a sua forma de expressão e a linguagem, em si, também é uma das muitas manifestações da cultura.

Enquanto discurso, a linguagem constrói uma atitude de interação e um modo de produção social. Realizada entre sociedades distintas, a linguagem passa a representar a cultura no âmbito do que Nord (1991) chama de ‘comunicação intercultural’, ou seja, a troca de conhecimento, de símbolos e significados em contextos sociais diferenciados:

Entendo por “cultura” uma comunidade ou grupo que se diferencia de outras comunidades ou grupos por formas comuns de comportamento e ação. Os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, lingüísticas ou mesmo políticas (NORD, in ZIPSER, 2002, p. 38).

É nesse sentido que os textos (traduzidos ou originais) são entendidos como situações comunicativas, como meios de interação interpessoal, contextualizados num tempo e espaço específicos. Isto equivale dizer que “cada situação tem *dimensões históricas e culturais* que condicionam o comportamento verbal e não-verbal de seus agentes, *seu conhecimento e expectativas entre si*” e, conseqüentemente, “*o ponto de vista a partir do qual eles se encaram entre si e o mundo*” (NORD, 1997a, p. 16 – grifos nossos).

Uma vez, então, parte da mesma cultura, um Emissor e um Receptor se bastam para abrir e manter um canal de comunicação. Porém,

Trecho original: “Communicative interactions take place in situations that are limited in time and space. This means every situation has historical and cultural dimensions that condition the agents’ verbal and nonverbal behavior, their knowledge and expectations of each other, their appraisal of the situation, and the standpoint from which they look at the world”.

quando pertencem a comunidades culturais distintas, existe a necessidade de um mediador para estabelecer e manter essa comunicação.



Essa é a função primeira do tradutor que, conforme você verá adiante, nem sempre seguiu por caminhos lineares.

2.2 Cartas de viagem

Para que você conheça mais sobre a relação entre os tradutores e a transmissão de valores culturais ao longo da própria história da tradução, optamos por descrever um capítulo do livro de Delisle e Woodsworth (1998, p. 5), chamado “Os Tradutores na História”. Mas, logo no prefácio do livro, encontramos um comentário de Jean-François Jouli, (então) presidente da Federação Internacional de Tradutores, sobre a filosofia da Federação: “*ajudar a difusão da cultura por todo o mundo*”, pois o trabalho tradutório permeia todas as facetas da vida humana e serve como elo vital na cadeia de “*transmissão de conhecimento entre sociedades separadas por barreiras lingüísticas*”. Desde que os primeiros homens aprenderam a utilizar a escrita como meio de registro social e histórico, “*os tradutores tem construído pontes entre nações, raças, culturas e continentes*” (WOODSWORTH, 1998, p. 5).

Segundo os autores, existe um tipo de cultura adquirido através do aprendizado e outro que permeia nossa memória e nossos atos, produzindo mitos, estereótipos e símbolos cujos valores podem incluir uma série de normas, valores estéticos, estilísticos, retóricos, éticos e ideoló-

gicos, alguns dominantes (legitimados e reproduzidos na sociedade) e outros dominados (marginais e divergentes do que é considerado como sendo padrão). São esses valores que tendem a ser consolidados pelos discursos de intuições sociais, mesmo que não sejam temporal, espacial ou tradicionalmente próximos do tempo presente. Essa é, talvez, uma das questões mais difíceis para nós tradutores: não podemos simplesmente deixá-los de lado, eliminá-los, subvertê-los e, às vezes, reproduzi-los *ipsis literis*.

Então, como lidar com esses valores?

Se lembrarmos Venuti (1998) ou Schleiermacher, voltamos ao eterno dilema: domesticamos o texto (levamos o leitor para o autor) ou estrangeirizamos a escrita (levamos o autor para o leitor)? Isso só o projeto de tradução, o propósito (*skopos*) pode dizer, porém independente do caminho escolhido é necessário conhecer as perspectivas, experiências e valores do Outro para decidirmos com propriedade.

Antes de caminharmos para terras mais distantes, pedimos que você pense sobre o episódio da chegada dos portugueses ao Brasil, mais especificamente, a carta que *Pero Vaz de Caminha* escreveu ao Rei de Portugal, Dom João VI. Segundo Lya Wylar (2003, p. 36), este pode ser considerado como o primeiro ato de tradução da nossa história: o relato da chegada à nova terra, dos habitantes, dos atos de índios e portugueses. Se tivéssemos acesso a um registro semelhante do ponto de vista indígena, certamente esse mesmo evento teria sido descrito/traduzido a partir de uma ótica bastante diferente e peculiar.

Leia o trecho da carta e reflita sobre como o ponto de vista indígena poderia ser diferente.

Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha



nenhuma. Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas. Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tinta preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali. Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados. Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.

(Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_de_Pero_Vaz_de_Caminha. Acessado em Dez./08)

A difícil tarefa de gerenciar os valores culturais no fazer tradutório remonta, entretanto, há alguns séculos. É sobre isso que você irá estudar no item a seguir, tendo como referência o livro de Jean Delisle e Judith Woodsworth (1998), sobre a relação entre cultura e tradução.

2.3 A Relação entre tradutores e os valores culturais no caminho

No século XII, as cartas de viagem dos tradutores enriqueceram o intercâmbio literário da época. Os tradutores iam em busca de textos protocientíficos escritos em ou traduzidos para o árabe e que representavam meios de enriquecer as culturas de lugares periféricos em relação aos grandes centros urbanos. A Espanha, por exemplo, recebeu tradutores ingleses, italianos, flamencos e franceses interessados em traduções dos textos sagrados do Islã que, ao contrário da transmissão dos valores islâmicos, defendiam valores cristãos, argumentando contra os muçulmanos. Esses fatos geraram muitas discussões sobre a questão da ‘literalidade’ na tradução. Já no século XVIII, alguns tradutores fizeram

uma troca oposta, isto é, partiram das periferias para os grandes centros, resultando, no século XIX, numa rede que comercializava textos de toda origem, pois traduzir significava rumar sempre para os centros de produção intelectual, tais como: Berlim, Londres e Viena.

As traduções de textos árabes estimulavam os europeus a ver outras religiões (incluindo os originais do Corão) de modo menos negativo, reconhecendo certo pluralismo religioso. Entretanto, como lembram Delisle e Woodsworth (1998), a maneira como os valores são identificados ou percebidos pelos leitores receptores são diferentes da forma como são percebidos pelos leitores da cultura-fonte, razão pela qual nem todos os leitores compreenderam os valores árabes, considerando-os absurdos e hereges. Apesar disso, os tradutores do *Corão*, com suas versões e afirmativas pessoais, desenvolveram na Europa uma consciência mais tolerante.



Livro sagrado do islamismo. A palavra Corão ou Alcorão deriva do verbo árabe que significa declamar ou recitar; Alcorão é, portanto, uma "recitação" ou algo que deve ser recitado.

Esse processo também esteve presente na Inglaterra do século XVI com textos sobre a arte da guerra, educação e saúde. A tradução era uma maneira de enriquecer não só o léxico, mas a língua inglesa de um modo geral, pouco eloquente em relação às línguas clássicas e europeias. Quando uma tradução era escolhida ou encomendada para o inglês, a preferência por um gênero específico obedecia a um ponto de vista educativo, visto que os leitores-destinatários não tinham instrução moral, política e social para compreender os clássicos e, também, porque os tradutores precisavam de patrocinadores (patrons) que apoiassem suas carreiras. Passava-se, assim, para os ingleses os valores culturais de autores romanos e gregos, juntamente com uma filosofia moral e política e a poesia épica e histórica. Dos europeus vinham valores sobre o comportamento social quando representavam sociedades "avançadas" como a Itália renascentista. Como exemplo, leia o texto "*A question of manners*": Na Europa do início do século XVI, as pessoas estavam ansiosas para ter um novo guia de comportamento adequado à mesa e em outros lugares. Um dos mais famosos (e talvez mais surpreendente) foi o guia escrito pelo filósofo alemão Erasmo de Roterdã. Ele escreveu um livro sobre boas maneiras para um príncipe francês que tinha 10 anos de idade na época. O livro foi um grande sucesso, sendo traduzido para diversas línguas. Abaixo,

segue um trecho publicado em um livro para o ensino de inglês, a *tradução é nossa*.

Você deve limpar bem as unhas antes de começar a refeição. Caso não o faça, a sujeira das unhas pode cair na comida. Você não deve ser o primeiro a por a mão na caçarola: respeite os mais velhos. Você não deve colocar a mão inteira dentro da caçarola. Para isso, você deverá usar no máximo três dedos. Você deve pegar o primeiro pedaço de carne ou peixe que tocar. Se for pequeno, você não deve ficar remexendo a caçarola para procurar um pedaço maior. Você não deve cutucar o nariz enquanto estiver comendo e então pegar mais comida. Você não deve jogar ossinhos que tenham sido mastigados de volta na caçarola. Você deve colocá-los sobre a mesa ou então jogá-los no chão. Você não deve limpar os dentes com a sua faca depois que terminar de comer. Também não é educado lambear os dedos ou esfregá-los no casaco. Você pode trazer um guardanapo com você ou pode limpá-los na toalha da mesa.

A tendência no século XIX foi a de não burlar os valores culturais estrangeiros presentes nos textos antigos, pois a tradução de clássicos de teor religioso, filosófico ou protocientífico já não era mais importante. O interesse voltou-se para as novidades literárias como textos de produção e leitura rápida, alguns plagiados. Os valores estrangeiros circulavam com mais velocidade e não se acumulavam numa única obra (DELISLE e WOODSWORTH, 1998, p. 297-8).

Não era fácil escrever, no entanto, para leitores que não conheciam a cultura-fonte. Havia a necessidade de maior clareza na escrita, o que atrapalhava as estratégias empregadas pelos tradutores. Estes recorriam a empréstimos lexicais ou a termos equivalentes na cultura-alvo, resultando em traduções frequentemente domesticadas. No entanto, as estratégias dependiam do objetivo da tradução. De um modo geral, os tradutores “filtravam” os textos estrangeiros, porém nem sempre conseguiam neutralizar a confusão ou a resistência aos valores importados.

Ainda no século XVIII, surgiu a nação norte-americana que superou rapidamente o poder bélico, militar, diplomático e econômico da Inglaterra e França. A influência sobre a tradução apareceu nos temas policiais e de ficção científica, expressando uma ampla variedade de con-

Este é o mesmo trecho no original: “A question of manners”. In Europe in the early 16th, people were anxious to have a new guide to proper behavior at table and elsewhere. One of the most famous (and perhaps one of the most surprising also) was the one by the Dutch philosopher Erasmus of Rotterdam. He wrote a book a book of manner for a French prince who was ten years old at the time. The book was a great success and it was translated to several languages. You should clean your fingernails before starting to eat. If you do not, dirt from under your nails may get in the food. You must not be the first to put your hand in the pot: respect your elders. You should not put your whole hand in the pot. You should use three fingers at most. You must take the first piece of meat or fish you touch. If it is small, you must not poke around in the pot for a bigger one. You must not pick your nose while eating and then reach for more food. You should not throw bones you have chewed back in the pot. You may put them on the table or drop them on the floor. You should not clean your teeth with your knife after finishing your meal. Nor is it polite to lick your fingers or wipe them on your coat. You may bring a cloth with you, or you may wipe them on the tablecloth”.

textos sócio-culturais e valores latentes da cultura norte-americana que floresciam na cultura de chegada quando encontravam terreno fértil. As traduções estimulavam o raciocínio dos leitores e se consolidaram como uma literatura popular, publicadas com as características discursivas dos originais norte-americanos, cujos valores reproduziam a vida cotidiana dos leitores norte-americanos tais como alimentação, vida sexual e higiene pessoal. Nas traduções para o Francês, tais elementos assumiram uma característica de eventos banais, triviais de origem estrangeira a exemplo das histórias policiais que evidenciavam as peculiaridades e os valores da maioria branca norte-americana, não só absorvidos, mas vistos também como o “outro”, o que era diferente.

Ao pensarmos em valores ideológicos, os autores apontam a tradução como um ato de violência, pois novas ideias e conceitos encontram resistência; portanto, associá-los com o que já se conhece é mais fácil, reduzindo as diferenças: “Os tradutores exploram, interpretam e, às vezes, antecipam a recepção ou a utilidade de sua obra” (DELISLE e WOODSWORTH, 1998, p. 234). Essa filtragem oscila assim entre a estrangeirização e a domesticação, visto que nem sempre os sistemas culturais, e tudo aquilo que congregam, são totalmente abertos e/ou maleáveis.

2.4 A Tradução como escândalo e as identidades culturais

O debate sobre o respeito para com o Outro ou o destinatário, sobre o fato de o tradutor ser um explorador ou um mediador é retomado por Venuti (1998), que traz para a relação entre tradução e cultura a questão da formação de identidades culturais.

Segundo Venuti, a tradução é sempre suspeita porque, invariavelmente, domestica o estrangeiro através da escolha de certos valores domésticos. A própria seleção dos textos a traduzir, bem como das estratégias podem estabelecer cânones domésticos peculiares, especialmente, no contexto literário, que podem desviar daqueles da língua estrangeira. Nesse sentido, o autor entende que os textos acabam se adaptando aos estilos da cultura de chegada, fixando estereótipos de culturas estrangeiras e excluindo valores, debates e conflitos que não são importantes do ponto de vista da cultura de chegada.

À medida que a tradução constrói uma representação doméstica para o texto e a cultura estrangeira, ela constrói simultaneamente um sujeito doméstico que representa os princípios de certos grupos sociais. Se os efeitos são conservadores ou transgressores, isso depende das estratégias empregadas pelo tradutor e de fatores envolvidos na recepção, opinião de revisores, arte e *design* da capa e das páginas, bem como do uso dessas traduções em instituições sociais e culturais.

Essas especificações, segundo os autores, têm a ver com projetos de tradução que não só formam identidades, mas também as mantêm com coerência e homogeneidade e também com o modo como criam possibilidades de resistência, inovação e mudança em qualquer momento histórico. Nesse sentido, o poder da tradução se revela ao manter relações sociais existentes, instituindo os leitores na cultura de chegada com as qualificações necessárias para assumir um papel ou realizar uma função dentro da instituição.

Susan Basnet e André Lefevere (apud Munday, 2002, p. 127) são outros dois teóricos que debatem a formação de identidades culturais na tradução. Ambos afirmam que abordagens funcionalistas, da análise do discurso e sistêmicas (Halliday), além de modelos descritivo-comparativos (Catford e Vinay e Dalbernet), por exemplo, exploraram somente a transição das palavras para o texto visto como uma unidade, porém, deixaram de lado a relação de impacto e de limitação da cultura sobre a tradução, no sentido do contexto, história e das suas convenções.

Embora voltada especialmente à literatura, forma mais consumida de textos traduzidos, esse movimento da tradução-texto para a tradução-cultura estende-se por outros setores e é o que Mary Snell-Hornby (1990) chama de “visada cultural”, incluindo estudos sobre o poder exercido *na* e *sobre* a indústria editorial, traduções e escritos feministas, a tradução como apropriação, a tradução e a colonização e a tradução como reescrita. As pesquisas, nesse âmbito, têm se concentrado nos seguintes espaços teóricos:

- *Tradução como reescrita* → focaliza obras literárias e “fatores concretos” que, sistematicamente, governam a recepção, aceitação ou rejeição de textos, tais como: poder, ideologia, instituição

e manipulação. Segundo Lefevere (1992a), a tradução é um processo de reescrita extremamente influenciado, porque é capaz de projetar a imagem de um autor e/ou dos trabalhos que se estudem, para além das fronteiras de sua cultura de origem. Três fatores básicos influenciam esse processo:

1. profissionais que atuam no sistema literário como críticos e revisores;
 2. a patronagem fora do sistema literário (devido a fatores ideológicos, econômicos ou *status*); e
 3. a poética dominante (mecanismos, conceitos, e papel da literatura).
- *Tradução e gênero* → o interesse dos estudos culturais conduz as análises para além da linguística do texto, até o contato com outras disciplinas - um processo híbrido e não-linear. Sherry Simon é uma figura bastante representativa desse movimento, compreendendo a tradução como uma linguagem sexista e transmissora de imagens de dominação, fidelidade, lealdade e traição. Sob essa perspectiva, existe um paralelo entre o *status* da tradução e o da mulher que é, frequentemente, reprimida na literatura e na sociedade, uma representação semelhante àquelas do século XVII que falava das “belas infiéis”, isto é, traduções para o francês que eram artisticamente bonitas na sua escrita, porém infiéis quanto ao conteúdo reproduzido.
 - *Teorias pós-colonialistas* → talvez a maior representante desse espaço teórico seja a indiana Gayatri Spivak, cuja preocupação se volta para as consequências ideológicas da tradução literária do Terceiro Mundo para a língua inglesa e, também, possíveis consequências ideológicas que essas traduções sofrem. Segundo Spivak, no processo tradutório pode haver uma traição dos ideais democráticos devido à lei do mais forte, ou seja, a literatura do Terceiro Mundo pode acabar eliminando a identidade de indivíduos e culturas, politicamente mais fracos. Por exemplo: uma tradução para o inglês pode fazer com que a imagem de

uma mulher palestina se pareça com aquela de um homem em Taiwan. A tradução exerce, dessa maneira, um papel importante no processo de colonização, divinização e criação de uma imagem, ideologicamente, motivada dos povos colonizados. Essas relações de poder estabelecidas pela tradução também são objeto de pesquisa das teorias pós-colonialistas cuja figura mais significativa é outra teórica indiana, Tejaswini Niranjana.

Segundo Munday (2002, p. 128), como as traduções para o inglês têm sido usadas por colônias dominantes, como as civilizações ocidentais, para construir imagens escritas do Oriente tidas como reais e verdadeiras, aqui estão presentes também relações assimétricas de poder, isto é, culturas dominantes subjugando outras consideradas como sendo de menor projeção, questão discutida também por Michaela Wolf (1995). Um exemplo dado por Munday é Edward Fitzgerald, tradutor do poeta persa Omar Khayyam. O autor considerava os persas inferiores, portanto, retratava-os na sua tradução conforme as expectativas e convenções literárias da sua cultura ocidental do século XIX.

Classes/colônias dominantes são entendidas à luz do conceito de hegemonia de Gramsci (1979), isto é, como conquista, através da persuasão e do consenso, não atuando apenas no âmbito econômico e político da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive, sobre o modo de conhecer. A hegemonia é a capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido um bloco social, não se restringindo ao aspecto político, mas compreendendo um fato cultural, moral, de concepção do mundo. Nesse sentido, colônias dominantes são sociedades que impõem seus valores a grupos considerados minoritários, a fim de que estes absorvam seu sistema cultural como modo de vida correto.

As relações assimétricas compreendem o “poder” como um princípio de desenvolvimento e integração (Foucault, 1972). O “poder” exerce papel decisivo nos sistemas teóricos de conhecimento que, se-



Michel Foucault, autor de *Microfísica do Poder*, *Vigiar e Punir*, entre outros títulos.

gundo *Foucault*, almejam controlar os perigos ameaçadores do discurso; é uma forma de controle, de subjugação e repressão. São esses mecanismos de rituais de poder políticos que criam relações não igualitárias e assimétricas. Isso porque a língua exerce um impacto profundo na forma como percebemos, agimos e vivenciamos o mundo e as ações do outro.

Segundo Wolf, as editoras empregam estratégias que conduzem à aculturação, como no caso dos *best-sellers*, na qual uma ordem cultural é domesticada, tornada inteligível, familiar, inserida em discursos culturais ideológicos presentes na língua-alvo (Venuti, 1990). Por isso, a tendência de muitos espaços teóricos é a de ver o *estrangeirismo* como uma forma de resistência. Por essa razão, Wolf aponta que devemos sempre nos perguntar como os fenômenos culturais do Outro são representados na língua/cultura alvo. Se o tradutor é um mediador intercultural, e o primeiro leitor da cultura estrangeira (Wolf, 1995, p. 128) no seu contexto/texto original, o processo de tradução deve ser realizado de forma a confrontar os valores culturais nos seus espaços de origem e destino afinal, conforme Clifford Geertz (1973, p. 253), atividades sociais e culturais, bem como eventos e formas de expressão, podem também ser considerados como textos.

Você deve estar se perguntando, agora, onde está a ética do tradutor para com o seu trabalho, o respeito entre as culturas, afinal, os tradutores vivem das diferenças entre as línguas. Seria então correto trabalhar para eliminá-las ou fazer com que essas diferenças sejam, de fato, percebidas e reveladas para o leitor? Bem, a resposta pode estar na epígrafe que escolhemos para este livro: muitos são os caminhos e ele se faz ao andar, ou seja, a partir das escolhas que determinamos através dos nossos projetos, das leituras e análises de nossas traduções. Sobre a ética, você vai ler a seguir.

2.5 A Ética da diferença

Esse poder da tradução de contribuir para a construção de identidades em espaços culturais se relaciona, também, com a questão da ética, do respeito às diferenças que, segundo o autor, é escandalosamente anulado através dos textos domesticadores.

Venuti fundamenta seus comentários em Berman, para quem a ética encontra-se na relação entre culturas domésticas e estrangeiras embutidas no TT. Nesse sentido, uma *tradução* considerada “boa” é aquela que limita a negação etnocêntrica e aponta para o diálogo, a descentralização, forçando a cultura e a língua alvo a registrar o estrangeirismo do TF. O oposto, ou seja, a *tradução* considerada como de qualidade “ruim” submete a cultura estrangeira à domesticação no texto final, visando somente a transmissibilidade e a legibilidade, negando sistematicamente a estranheza no texto estrangeiro. É importante lembrar que empregamos aqui os termos “bom” e “ruim” de acordo com os comentários de Berman. Não se esqueça, porém, que estes caminhos são apenas estratégias, opções diferentes e que implicam resultados diferentes.

Nesse sentido, uma ‘ética da tradução’ não pode, portanto, limitar-se à fidelidade, visto que a tradução não só constitui uma interpretação do texto estrangeiro, variando de acordo com diferentes situações culturais e momentos históricos, como também pode articular parâmetros aplicados à cultura de chegada de forma **etnocêntrica**, ao fazer com que o estrangeiro assuma contornos e aspectos dessa cultura [de chegada].

Segundo Venuti, as traduções podem ser avaliadas considerando-se as estratégias discursivas, locais de produção, sua(s) função(ões) e efeito(s) social(is). O escândalo reside no fato de que as traduções podem criar valores e práticas diferentes, independentes do cenário doméstico, porque o tradutor pode optar por redirecionar os movimentos etnocêntricos, descentralizando os termos domésticos que o projeto de tradução pode empregar. Essa é a chamada “ética da diferença”, processo que pode modificar a cultura de chegada.

Um projeto tradutório fundamentado na ética da diferença pode alterar a reprodução das ideologias de instituições domésticas dominantes, que representam apenas parcialmente as culturas estrangeiras e marginalizam outras constituições domésticas. Venuti aponta que o tradutor, neste cenário, está preparado para ser desleal à cultura de chegada, pois é neste espaço cultural que se constroem identidades via textos traduzidos. É importante, nesse momento, estar atento para o que os tradutores permitem, limitam, admitem ou excluem no encontro com o TF e na transição para o TT.

Etnocêntrica

Tendência do pensamento a considerar as categorias, normas e valores da própria sociedade ou cultura como parâmetro aplicável a todas as demais.

Venuti (1998, p. 84) defende a ideia de que a construção de uma identidade deve ser, na verdade, *intercultural*, isto é, aquela que é simultaneamente crítica e contingente, pois pode, constantemente, avaliar as relações entre as culturas domésticas e estrangeiras e, finalmente, transitar entre as diversas fronteiras nas quais o público receptor está inserido.

O termo ‘interculturalidade’ é definido como um fenômeno social de interação entre culturas diversas, culminando na descentralização cultural, ou seja, na apreciação das diferenças particulares de cada indivíduo e não mais, no caso, na valorização da nossa própria cultura como se fosse a única. Isto significa compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade da ação e da comunicação de cada sujeito em cada comunidade cultural.

Do ponto de vista da interculturalidade, a tradução passa a ser vista como fenômeno linguístico e cultural revelador de identidades culturais distintas. Conforme Snell-Hornby (1988, p. 39), “a linguagem não é vista como um fenômeno isolado, suspenso num vácuo, mas como parte integral da cultura”, sendo que esta (a cultura) “é entendida aqui não no sentido limitado do desenvolvimento intelectual avançado do homem, como refletido nas artes, mas num sentido mais amplo e antropológico para se referir a todos os aspectos socialmente condicionados da vida humana”. Aprender a traduzir é, portanto, aprender a ler, produzir significados aceitos na comunidade cultural a qual o leitor pertence (Arrojo, 1992, p. 76). Se você pensou na teoria do escopo (*skopostheory*) de Hans Vermeer (1976) acertou, visto que relaciona o ato tradutório a um propósito comunicativo interativo, ou seja, um processo que respeita as condições de situações históricas e culturais do Outro.

No entanto, e conforme nos diz Venuti (1998), o que se vê no mercado são traduções-produto (o processo não tem relevância) que devem ser o menos ambíguas possível para ser rapidamente consumidas e facilmente lidas, consumo esse que tem nas condições ideológicas um determinante externo imposto pela necessidade de vendagem dos livros. Assim, a escolha das estratégias de tradução tem, invariavelmente, im-

plicações ideológicas e é justamente durante o processo, irrelevante para as editoras, que a transferência do poder de culturas dominantes se manifesta, segundo Hatim e Mason (1994, p. 160), em três níveis: 1) semântico, 2) lexical e 3) sintático, através de generalizações que preservam as similaridades de superfície. São esses padrões tradutórios que, normalmente, fixam estereótipos para culturas estrangeiras que podem tanto vincular ou estigmatizar grupos étnicos, raciais e nacionais, resultando num respeito pela diferença ou numa aversão ao sistema cultural:

“A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade (...) tipo de comportamento padronizado pelo sistema cultural (...). É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão.” (LARAIA, 1995, p. 69-75).

Diante de processos que parecem quase que inevitáveis como os que você estudou até agora, qual seria então uma situação ideal de tradução?

Holz-Mantari (1986) aponta um caminho: aquele em que existe o contato do tradutor com o iniciador (aquele compromissado com a tradução) e o público-alvo a fim de especificar o projeto de tradução. Dessa maneira, a produção textual não resultaria somente da decisão única de um tradutor, mas envolveria um projeto conjunto com a participação ativa de todos os parceiros.

Para Venuti, o projeto de tradução ideal deveria ser aquele que viesse a controlar o etnocentrismo, ou seja, a tendência do pensamento a considerar as categorias, normas e valores da própria sociedade ou cultura como parâmetro aplicável a todas as demais. A tradução deveria, segundo o autor, considerar outros interesses além daqueles pertencentes a uma comunidade cultural dominante, respeitar a cultura em que o TF tem origem e se dirigir a várias comunidades domésticas. Infelizmente, nem sempre temos essas condições à nossa disposição, por isso, pensar na interculturalidade pode abrir caminhos para, ao menos, uma reflexão mais cuidadosa sobre a transferência de valores e identidades culturais.

Por essa razão, Venuti insiste na ‘ética da diferença’, a qual pode alterar a reprodução das ideologias e instituições domésticas dominantes que tendem a representar a cultura fonte apenas parcialmente, marginalizando outras comunidades. Essa ética deve reformar identidades culturais que ocupam posições dominantes e, como resultado desse distanciamento dos cânones domésticos, seria possível evidenciar a estrangeiridade do TF e criar um público leitor mais aberto a diversidades linguísticas e culturais.

Você se lembra da epígrafe que abre essa nossa conversa?

Pois então, não existe um caminho único para nós tradutores, mas sim direções que podem ser consideradas acertadas ou não e que dependem não só da nossa própria agenda política e cultural como também da visão que cada um de nós tem sobre a atividade tradutória e do projeto tradutório que adotamos ou que somos levados a adotar. Como o caminho se faz ao andar, é importante, independente da direção escolhida, que você caminhe com consciência sobre a responsabilidade que detém enquanto tradutor. Afinal, traduzir não é um ato isolado, mas de convivência, como diz Guimarães Rosa, com todos os atalhos que os caminhos oferecem.

Boa caminhada!

Resumo

Nesta unidade, você estudou sobre o conceito de cultura e sua relação com os estudos da tradução. Esse é um conceito bastante variável, mas para este livro buscamos apoio nas áreas da antropologia e etnografia para buscar defini-lo. A cultura encontra na linguagem, talvez, a sua maior forma de expressão, a tal ponto que, segundo João Azenha Jr. (1999, p. 30), estabelecem uma “relação embrionária”, isto é, uma relação de retro-alimentação que nos auxilia a compreender certas regras, perspectivas e valores que fundamentam o contexto e o conteúdo dos eventos comunicativos e processos de interação. Nesse sentido, os textos (traduzidos ou originais) são também vistos como situações comunicativas, meios de interação contextualizados num tempo e espaço específicos.

Uma parte dessa relação foi apresentada através da história da tradução e a transmissão de valores culturais, mostrada no livro de Delisle e Woodsworth (1998), “Os Tradutores na História”. Segundo os autores, existe a cultura adquirida através do aprendizado e aquela que permeia nossa memória, nossos atos e que acaba, por vezes, gerando mitos, estereótipos e símbolos cujos valores podem incluir uma série de normas, valores estéticos, estilísticos, retóricos, éticos e ideológicos, alguns dominantes (legitimados e reproduzidos na sociedade) e outros dominados (marginais e divergentes do que é considerado como sendo padrão). Ainda segundo os autores, você estudou as formas com que essa relação entre tradutores e valores culturais se deu: através de cartas de viagem, como a de Caminha e outras que enriqueceram o intercâmbio cultural do século XII; através da tradução de textos árabes que estimulavam os europeus a ter contato com outras religiões; através do século XVI com textos sobre a arte da guerra, educação e saúde, época em que a tradução não só enriquecia o léxico, mas a língua inglesa de um modo geral em função de sua eloquência pobre em relação às línguas clássicas. Passava-se, assim, para os ingleses, os valores culturais de autores romanos e gregos juntamente com uma filosofia moral e política e a poesia épica e histórica. Já no século XIX, a tendência da tradução foi a de não burlar os valores culturais estrangeiros presentes nos textos antigos, pois o interesse voltava-se para as novidades literárias como textos de produção e leitura rápida, alguns plagiados.

Outro ponto estudado foi a tradução, na visão de alguns autores (Venuti, 1998; Susan Basnet e André Lefévere (apud MUNDAY, 2002, p. 127)), como um ato de violência no sentido da imposição de alguns valores de caráter ideológico, oscilando sobre a domesticação e a supervalorização do Outro. Esse debate foi retomado por Venuti (1998) que traz para a relação entre tradução e cultura a questão da formação de identidades culturais. Na concepção do autor, a tradução sempre e inevitavelmente, domestica o estrangeiro através da própria seleção dos textos a traduzir e das estratégias tradutórias. O autor entende, portanto, que os textos acabam se adaptando aos estilos da cultura de chegada, fixando estereótipos de culturas estrangeiras e excluindo valores, debates e conflitos que não são importantes do ponto de vista da cultura de chegada. Basnet e Lefévere afirmam que abordagens funcionalistas, da

análise do discurso e sistêmicas (Halliday), além de modelos descritivo-comparativos (Catford e Vinay e Dalbernet), por exemplo, exploraram somente a transição das palavras para o texto visto como uma unidade, deixando de lado a relação de impacto e de limitação da cultura sobre a tradução, no sentido do contexto, história e das suas convenções. Por fim, temos a abordagem de Snell-Hornby (1990) voltada mais aos estudos literários, sobre o poder exercido *na* e *sobre* a indústria editorial, traduções e escritos feministas, a tradução como apropriação, a tradução e a colonização e a tradução como reescrita, resultando no que se chama de relações assimétricas de poder, isto é, culturas dominantes subjungando outras consideradas como sendo de menor projeção.

Essas relações de poder nos levam, por fim, à discussão sobre a ética do tradutor, questão discutida por Berman, para quem a ética encontra-se na relação entre culturas domésticas e estrangeiras embutidas no TT, apontando para a boa tradução como sendo aquela que favorece o diálogo, a descentralização, forçando a cultura e a língua alvo a registrar o estrangeirismo do TF. Uma perspectiva bastante forte nesse aspecto é pensar a tradução como um ato inter ou transcultural, ou seja, um fenômeno de interação entre culturas diversas, descentralizando o poder e apreciando as diferenças do Outro e do seu ambiente.

Esse é o projeto de tradução ideal, a 'ética da diferença', segundo Venuti: aquele que controla o etnocentrismo e considera outros interesses além daqueles pertencentes a uma comunidade cultural dominante.

Sugestões de Leitura

VENUTI, Lawrence (2002). *Escândalos da Tradução*. Bauru: Edusc. Trad. de Laureano Pelegrin et alii.

VENUTI, Lawrence (1995). *A invisibilidade do tradutor*, in Palavra 3. Rio de Janeiro: Grypho. Tradução de Carolina Alfaro.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução. Por Uma Ética da Diferença*. São Paulo, Edusc. 2002. Disponível em: <http://www.usc.br/Edusc/noticias/assesusc38.htm>

Construindo o tradutor de Douglas Robinson. Disponível em: <http://www.usc.br/edusc/noticias/assesusc40.htm>. Acessado em Dez./2008.

SINTRA - *Sindicato Nacional dos Tradutores*. Disponível em: <http://www.sintra.org.br/site/index.php?pag=estudante>. Acessado em Dez./2008.

MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: theories and application*. Routledge, NY, 2002.

HOFFMAN Kate. Resenha de Lawrence Venuti. *The Scandals of translation: towards an ethics of difference*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n° 4, 1999.

FREITAS, Luana Ferreira. *Visibilidade problemática em Venuti*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n° 12, 2003/2, Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/luana.pdf>. Acessado em Dez./08

Paulo Henriques Britto. *As condições de trabalho do tradutor*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n° 19, 2007/1. Disponível em: http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos19/paulo_henriques.pdf Acessado em Dez./2008.

Davi Arrigucci Jr. *Entrevista com Davi Arrigucci Jr.* Revista Brasileira de Psicanálise, 2005, volume 39, número 1, pp. 9-18.

Geraldo Ramos Pontes e Maria Cristina Batalha. *A tradução como prática da alteridade*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n° 13, 2004/1. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos13/batalha.pdf>. Acessado em Dez./2008.

Haroldo de Campos. *Da tradução como criação e como crítica*. Em Haroldo de Campos. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. Capítulo 2, pp. 31-48.

Jorge Luis Borges. *Pierre Menárd, autor do Quixote*. Em: _____. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. Porto Alegre: Abril Cultural, 1972, pp. 47-58.

Juliane Bürger. Resenha de Antoine Berman. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n° 8, 2001/2.

RIBEIRO, Antonio Souza. *A Tradução como Metáfora da Contemporaneidade: Pós-Colonialismo, Fronteiras e Identidades*. 2005. Disponível em: http://www.eurozine.com/articles/article_2005-07-18-ribeiro-pt.html. Acessado em Dez./2008.

BAKER, Mona. *Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução? In: MARTINS, Márcia A.P. Tradução e Multidisciplinariedade*. Editora Lucerna, PUC-Rio – Departamento de Letras, 1999.

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis. Uma crônica da tradução no Brasil*. Rocco, Rio de Janeiro, 2003.

NORD, Christiane. *Comunicarse Funcionalmente En Dos Lenguas*. In: Léxico especializado y comunicación interlingüística. Edited by FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina & WORJAK, BERD. Stica, Granada: Granada Lingüística, 285-296, 2004.

_____. *Defining Translation Functions: The Translator Brief as a guideline for the trainee translator*. In: Ilha do Desterro: Translation Studies in Germany. Edited by LÖRSCHER Wolfgang, Editora da UFSC, 39-53, 1997(b).

_____. *Functionalist Approaches Explained*. St Jerome Publishing, Manchester, UK. 1997(a).

_____. *Text Analysis in Translation*. Amsterdam, Atlanta, GA, 1991, Rodopi. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow.

_____. *Text Function(s) in Bible Translation? In: ATA Chronicle* vol. XXXIII, 2003, 34-38.

BENTO, Manoel M.S. *Os Métodos Etnográficos*. Disponível em: http://arlequim.no.sapo.pt/metodos_etnograficos.htm#2%20-%20o%20conceito%20de%20Etnografia Acessado em Dez./08.

Unidade 3

Tradução: quinta habilidade
ou atividade “real”?

3 Tradução: quinta habilidade ou atividade “real”?

Neste capítulo, abordamos um item que extrapola a ementa proposta para a nossa disciplina, mas que consideramos necessário abordar, pensando nas nossas experiências enquanto professores de idiomas. Sob essa perspectiva, a tradução é vista como uma quinta habilidade no ensino de línguas estrangeiras. Nesse sentido, resgatamos o emprego da tradução em alguns métodos de ensino de línguas e também pontos destacados como positivos e negativos para o seu uso em sala, deixando para você a tarefa de definir qual o caminho a seguir.

3.1 A tradução vista como quinta habilidade

Você deve lembrar que no início de nossas conversas sobre tradução quando mostramos as possibilidades dentro desse campo teórico-prático, mencionamos que a tradução, ao longo das últimas três décadas, conquistou um *status* de disciplina independente, autônoma, com suas próprias questões e reflexões de ordem teórica, metodológica, prática e filosófica. Esse *status* rompeu com o papel secundário que a tradução exercia, até então, na sala de aula de língua estrangeira (LE). Bom, de lá para cá, houve muitos avanços metodológicos relacionados ao ensino propriamente dito de LE e a tradução ainda faz parte desse contexto. Por essa razão, não poderíamos deixar de abordar o papel da tradução, ainda que de forma bastante breve, junto ao ensino de LE, levantando aspectos negativos e positivos para a sua reintrodução em sala de aula, segundo a perspectiva de alguns autores, a fim de provocar em você a reflexão também sobre a sua prática tradutória em ambiente de ensino. Lembramos do que diz Popovic (1999) “A pior forma de se começar é distribuir um texto ao grupo e dizer “traduzam”.

3.2 Primeiros passos

Gostaríamos, portanto, de iniciar essa reflexão propondo a você alguns questionamentos acerca do espaço e papel que você atribui ao uso da tradução em sua sala de aula de LE. Se você ainda não atua na prática

ou não tem interesse sobre ela, procure pensar na experiência que teve como aluno(a) de Espanhol, bem como de outros idiomas. Pense nisso:

- Você já fez uso da tradução em sala de aula, como aluno e/ou professor?
- Quanto tempo da aula foi destinado, aproximadamente, para o uso da tradução?
- Com que propósito ela foi empregada?
- Qual foi a reação dos alunos (ou sua, enquanto aluno)? Eles (Você) se sentiram mais confiantes quanto ao conhecimento apresentado pelo professor, ou mais presos ao uso da LM (Língua Materna)?
- Em qual nível de ensino você tende a usar (ou já usou) mais a tradução e com que propósito?
- Quais aspectos (+) e/ou (-) você pode ressaltar para o uso da tradução em sala de aula?
- O que ela pode trazer de bom para cada nível de ensino? Considere, de modo geral, os níveis básico, intermediário e avançado.
- Você já pensou na tradução como uma quinta habilidade para o ensino/aprendizagem de LE (Língua Estrangeira)? Qual seria a função da tradução nesse sentido?

Se for possível apontar um caminho para todas essas questões é o de que existem muitas variáveis que levam o professor a introduzir ou rejeitar a tradução em sala. Em sua opinião, quais poderiam ser essas variáveis? Bem, se você pensou em: nível dos alunos (básico, intermediário, avançado); método empregado pela escola/professor; objetivo ou função do uso da tradução em sala, entre outras, acertou. Vários são os argumentos pró e contra o uso da tradução como instrumento de avaliação para aprendizagem de estruturas linguísticas, por exemplo. Independente do posicionamento, a tradução ainda faz parte do ensino de línguas e é justamente esse fato que favorece uma discussão sobre o tema.

De maneira geral, quando se discute a importância da tradução no ensino de LE, é importante lembrar da classificação estabelecida por Jakobson (1969), a fim de que você esclareça de qual perspectiva está falando:

- tradução interlingual: de uma língua para outra – $L1 \rightarrow L2$ ou $L2 \rightarrow L1$;
- tradução intralingual: dentro da própria língua, como é o caso, por exemplo, das paráfrases;
- tradução intersemiótica: de um sistema de significação a outro.

Destes, o caminho geralmente trilhado é o da tradução interlingual em razão das escolhas feitas tanto pelo aluno como pelo professor para estabelecer e manter a comunicação. Nesse sentido, é bastante comum pensar a tradução em sala como estando estritamente vinculada à oralidade quando, no entanto, ela permeia todas as outras três habilidades: escrita, leitura e escuta. Partindo da tradução interlingual, segundo Rivers e Temperley (1978, p. 321-25), devemos considerar ainda outros aspectos, tais como:

- direção tomada: $LM \rightarrow LE$ ou $LE \rightarrow LM$;
- tipo de tradução pretendida: oral e/ou escrita;
- objetivo de seu uso: estratégia de aprendizagem ou instrumento de avaliação em sala.

Ao falarmos sobre tradução e ensino de línguas, não podemos nos esquecer de que o seu papel sempre foi marginal ao ensino, isto é, uma espécie de recurso coadjuvante em sala, conforme você pode observar no seu uso ao longo de alguns dos métodos de ensino. O mais famoso, o Método Gramática-Tradução empregava largamente esse recurso para a leitura e apreciação de textos religiosos e literários. Estar apto a traduzir, era sinônimo de sucesso no aprendizado, pois a habilidade para se comunicar na LE não era importante, mas sim a avaliação feita através de testes escritos, nas duas direções: $LM \rightarrow LE$ e vice versa.

O Método Direto veio para negar qualquer uso da LM e, por consequência, da tradução, fosse na forma oral ou escrita. A abordagem era

o inverso do GT (gramática-tradução): indutiva e com ênfase na oralidade. A tradução era, no entanto, empregada como “método de leitura”. Já o método Áudio-Lingual voltou a empregar a tradução através da análise contrastiva, na tentativa de o professor prever (e evitar) os erros dos alunos em sala. O papel do professor era fazer demonstrações para esclarecer dúvidas, nunca explicar ou traduzir de modo que os alunos pensassem direto na LE.

A tradução reaparece com a Sugestopedia para esclarecer significados em LM com ênfase no conteúdo e não na forma. A tradução se concentrava em diálogos traduzidos para a LM. No Método Natural, argumentava-se que a LE podia ser ensinada sem a necessidade do uso da LM, se os significados fossem transmitidos diretamente através de demonstrações e ações. A tradução foi quase que definitivamente excluída e criticada pelo Método Comunicativo ou Abordagem Comunicativa. Exercícios dessa natureza eram utilizados somente se os alunos tivessem real necessidade ou pudessem se beneficiar dela de alguma maneira. O mais curioso é que alguns princípios dessa abordagem são comuns, também, aos estudos da tradução, como por exemplo: a língua é um sistema para expressão de significados, sendo sua função direta a interação e comunicação, refletindo usos comunicativos e funcionais da coletividade.

Desse papel secundário no ensino de línguas, podemos agora levantar os argumentos pró e contra o uso da tradução no ensino de línguas. É o que você vai estudar a seguir.

3.3 Os argumentos contra a tradução

Argumentos contra o uso da tradução em sala de aula remontam ao início do século XIX, sendo amplamente reiterados, nas décadas de 60 e 70, pelos que acreditavam no método direto (MD), no método natural (MN) e/ou na abordagem comunicativa (AC) para o ensino de línguas, segundo os quais, a LE devia ser aprendida conforme falantes nativos. O método ao qual todos faziam objeção era o conhecido gramática-tradução (GT), empregado não só para o ensino da L2 como também para o ensino de Latim e do Grego, em escolas secundárias da Prússia, no final do século XVIII.

O cenário sócio-histórico da época nos leva a um período de reformas no ensino, coincidindo com a expansão europeia, o estímulo ao comércio e a riqueza da classe média associada a mudanças tecnológicas como a máquina a vapor e a industrialização, urbanização e o trabalho de massa. Filósofos e intelectuais (Rousseau e Pestalozzi e Froebel) valorizavam o indivíduo como cidadão e o trabalho de grupo. Da simples memorização de livros-texto, o ensino passa a ser centrado no indivíduo e não no assunto, além do fato de que o grande número de alunos nas salas de aulas torna inviável a recitação de informações, valorizando-se a comunicação e a espontaneidade na comunicação. Para saber mais, você pode realizar buscas na rede por: "ensino /educação/pedagogia no século XIX".

Com esse método, pretendia-se ensinar a L2 pela L1, com todas as explicações necessárias em LM de modo que o aluno desenvolvesse as quatro habilidades reconhecidas. Exercício comum no GT eram traduções de textos e memorização de listas de vocabulário para serem traduzidas e a tradução de textos religiosos e literários, numa abordagem essencialmente dedutiva e que privilegiava a forma escrita da língua. Normalmente, estudava-se a gramática da língua para então ler e traduzir esses textos com a ajuda do dicionário. Essa abordagem foi condenada por Lado (1964, p. 53-4), um reconhecido "anti-traducionista" para quem a tradução: não poderia substituir a prática linguística, por não haver a possibilidade de uma equivalência lexical; pelo fato de levar o aluno a acreditar que a equivalência permitiria que o TT fosse estendido para as mesmas situações em que o TF era empregado, gerando erros e pelo fato de que a tradução palavra-por-palavra produziria construções incorretas.

Gatenby (1967, p. 66 *in*: MALMKJAER, 1998) também aponta argumentos, enfatizando os resultados negativos do uso da tradução em sala, comparando o modo como as crianças normalmente aprendem uma LE com a maneira como a língua é aprendida em sala. Segundo ele, pedir uma tradução é pedir algo que não é natural, em razão de que, enquanto professores, nosso objetivo é fazer com que os alunos aprendam a língua sem recorrer à tradução mental, comunicando-se natural

e fluentemente como um falante nativo, sem hesitação, ou como a criança. Podemos, ainda, contestar a fala de Gatenby do ponto de vista pedagógico do autor para o ensino de línguas, no entanto, como essa crítica pode levar a outras considerações que extrapolam a discussão proposta, limitamo-nos a considerar seu posicionamento, exclusivamente, em relação à questão do uso da tradução em sala.

Do posicionamento desses autores, podemos resumir, da seguinte maneira, os itens que negam o uso da tradução em sala:

- a tradução é independente das 4 habilidades (leitura, escuta, fala e escuta) que definem a competência linguística do falante;
- é radicalmente diferente dessas 4 habilidades;
- toma um tempo valioso que poderia ser utilizado para o ensino dessas 4 habilidades;
- não é natural;
- confunde os alunos levando-os a acreditar que as expressões entre as línguas tem correspondentes um-para-um;
- evita que os alunos pensem diretamente na LE;
- produz interferência;
- é uma maneira ineficiente para testar as 4 habilidades;
- é apropriada somente para o treino de tradutores.

Você deve ter percebido algumas tendências através desses tópicos: associar a tradução quase que exclusivamente com a oralidade; a negação da tradução na sua modalidade escrita; a sua condição de instrumento de avaliação somente; a negação da possibilidade de a tradução permeiar as habilidades existentes, servindo como um recurso a mais para a prática da língua em todos os seus contextos de uso. Tais argumentos respondem, no entanto, a uma visão bastante estruturalista e limitada do ensino/aprendizagem de línguas, visto que a tradução pode ser um caminho de reflexão sobre aspectos culturais, funcionais e pragmáticos da língua em sala. Esse é o caminho pelo qual percorremos a seguir.

3.4 Os aspectos positivos da prática tradutória

Durante as décadas de 80 e 90, a ênfase na prática tradutória e as discussões entre teóricos da tradução (COSTA, 1988; POPOVIC, 1999; LAVAUULT, 1998; ATKINSON, 1993; COOK, 1996; SCHACHTER, 1996; SELINKER, 1992/1996) têm apontado para questões culturais, funcionalistas e práticas, envolvendo o uso da tradução como uma reação àquelas abordagens linguísticas populares entre as décadas anteriores. *Selinker* (1992), por exemplo, discute que equivalentes em tradução exercem papel importante na formação da competência interlinguística, pois representam uma estratégia importante para os alunos no sentido de poder “olhar entre” sistemas linguísticos. Portanto, a habilidade dos alunos para traduzir pode ser associada diretamente à competência na língua em estudo, o que significa que a prática da tradução pode melhorar o processo de aquisição dessa língua.

Estudos recentes (RIDD, 2001; CERVO, 2003; CHECCHIA, 2002) também apontam vantagens para a reintrodução da prática tradutória em sala, corroborados por grupos de pesquisa que não só estudam o papel da tradução no ensino de LE, como também as dimensões culturais e contrastivas envolvidas nesse processo. Nesse sentido, a tradução é compreendida como meio de estimular e motivar o aprendizado de línguas colocando-se como uma 5ª habilidade para o ensino/aprendizagem de LE.

Segundo Gunilla Anderman (*in* Malmkjaer, 1998, p. 45), numa pesquisa recente em universidades britânicas, 19 de 21 instituições empregavam a tradução, consideravelmente, em sala, como meio de melhorar a proficiência linguística dos alunos, sendo utilizada tanto na L1 quanto na L2 para consolidar as construções da Língua alvo de forma dinâmica e também para monitorar e melhorar a sua compreensão.

Em níveis básicos, o aluno pode se beneficiar da tradução de frases sem conhecimento do contexto, conscientizando-se das peculiaridades das línguas, mesmo com frases isoladas. Nos níveis considerados intermediários, a tradução pode ser útil para a comparação e/ou contraste através da leitura, no sentido de fazer com que o aluno perceba que a literalidade nem sempre é possível em sistemas linguísticos distintos. Já nos níveis avançados, pode servir como instrumento de análise grama-

tical, envolvendo, por exemplo, equivalência semântica ou pragmática. A tradução mostra-se, nesse sentido, como um meio de levar o aluno a perceber as línguas como formas diferentes para expressar a mesma informação, num confronto intercultural.

Na sua forma oral, a tradução pode ser um recurso para o professor ganhar tempo com a explicação de certas palavras que, de outro modo, não seriam compreendidas ou, ainda, em níveis mais avançados, desenvolver a capacidade do aluno como intérprete. Já a tradução escrita pode testar a compreensão e o uso de vocabulário específico, da sintaxe, de expressões idiomáticas e diferentes registros, segundo Romanelli (2006), além de ser útil como exercício de comparação entre textos traduzidos, condição na qual podem ser analisadas as estratégias de Chesterman (1999), tais como omissão e explicitação, visto que outras de cunho sintático mais profundo podem fugir ao escopo da aula, visão também compartilhada por Antonella Benucci (1994).

Segundo Atkinson (1993, p. 13, *apud* Romanelli, 2006) e Sewell (1996, p. 137), a tradução pode trazer os seguintes benefícios para o estudo de LE:

- estimula os alunos a pensar “comparativamente” e adquirir uma consciência maior das diferenças entre as línguas, evitando grande parte dos erros comuns na LM;
- encoraja os alunos a assumirem riscos e não tentar evitá-los;
- faz com que os alunos utilizem o seu conhecimento o máximo possível para superar as dificuldades e se utilizem de todas as estruturas linguísticas, gramaticais e semânticas que já conhecem;
- muda o ritmo da aula;
- a tradução é uma atividade da vida real que pode ser empregada em vários momentos e setores da vida profissional ou pessoal.

Nesse sentido, Atkinson (*Ibid*) propõe algumas tarefas de tradução, as quais resumimos e adaptamos a seguir, em que até os textos do livro didático podem ser utilizados, lembrando, no entanto, que quanto mais contextualizados os textos melhor, pois os alunos têm contato com a língua em contextos reais de uso:

1. **Corrigir uma tradução:** os alunos devem analisar e corrigir um texto com escolhas lexicais não adequadas, bem como aspectos específicos da gramática, seus tempos e modos;
2. **Versões:** neste caso, o professor pode trabalhar com um certo número de exemplos que testem uma área específica de dificuldade, a biologia, por exemplo, e os alunos devem versar da LM para a LE;
3. **Comparar traduções diferentes:** o aluno deve considerar o contexto, atentando ao significado social das palavras e das frases escolhidas;
4. **Comparar versões diferentes (escritas pelos estudantes):** textos selecionados são traduzidos pelos alunos, em pares. Cada um versa um texto para a LM que, em seguida, é traduzido para a LE, pelo colega. Em seguida, os alunos comparam as duas versões da LE. Essa atividade ajuda a estimular a percepção de diferenças entre a LM e a LE. Os rascunhos, segundo Sewell (1996), podem ser corrigidos e devolvidos aos alunos para a sua própria avaliação. Comentários e críticas também podem ser utilizados para discussões sobre “livre” e “literal”, bem como o tipo de leitor que a tradução objetiva;
5. **Resumir uma tradução:** os alunos preparam, em casa, a tradução do trecho de um livro e cada um apresenta depois, na sala, oralmente um parágrafo, além de dar um breve resumo do que foi lido;
6. **Interpretar em sala de aula:** diálogos são muito interessantes para a tradução oral. Dois ou mais alunos assumem o papel dos personagens usando a LM. Outro aluno ouve e traduz para um terceiro as informações mediando a conversa. Esse tipo de atividade permite aos estudantes trabalharem como intérpretes, nas duas línguas, praticando, ao mesmo tempo, uma atividade real.

Nesse sentido, o trabalho com tradução pode envolver: uso do dicionário; análise de itens lexicais; análise contrastiva; falsos cognatos; análise textual e de registros textuais; conceitos culturais; ajuste do texto orientado ao leitor (NORD, 1991); discussões acerca do processo de tradução; técnicas de revisão e de correção e o conceito da tradução “perfeita”.

Você deve estar se perguntando sobre como podemos destinar tempo suficiente para essas atividades dentro de horários apertados e esquemas de conteúdos que serão cobrados em avaliações. Se for do interesse do grupo, as atividades podem ser negociadas com o coordenador para que sejam trabalhadas em sala ou, então, pode ser proposto um curso paralelo, de menor duração, junto ao ensino de línguas, como uma oficina. Dependendo do professor e do grupo, uma ou outra atividade pode ser realizada dentro das possibilidades do cronograma.

É necessário, no entanto, lembrar que o texto deve ser traduzido somente depois de uma discussão dos seus elementos contextuais e estruturais, lembrando a tabela de Nord (1991), como a explicação de elementos novos (léxico, gramática), não importa se é uma atividade oral ou escrita, para casa ou na aula, sozinho, em grupos ou pela turma em conjunto. O mais importante é refletir sobre as possibilidades que a tradução pode oferecer enquanto uma habilidade a mais para enriquecer o aprendizado e as aulas, sem a pretensão de o aluno tornar-se tradutor profissional. Lembre-se que, independente do exercício utilizado, você deve ter e deixar claro para o seu aluno, o propósito da atividade e o que você espera dele. A tradução deve ser vista como instrumento legítimo para o ensino/aprendizagem, não mais como um mero exercício de avaliação sem função ou propósito, afinal, os estudos da tradução representam um campo teórico e prático e um espaço para pesquisa e reflexão acadêmicas.

Resumo

Nesta unidade, você estudou dois caminhos distintos: os argumentos contra o uso da tradução no ensino de línguas estrangeiras e aqueles a favor. No primeiro caminho, você lembrou o papel da tradução ao longo de alguns dos métodos de ensino de línguas como exercício desprovido de função e propósito através de frases descontextualizadas e com o professor empregando essa tarefa como mero instrumento de avaliação e sinônimo de sucesso (ou fracasso) no aprendizado. Nesse sentido, a tradução era vista como uma atividade que não era natural e causava interferência no aprendizado, não permitindo aos alunos pensarem diretamente na LE. No segundo caminho, você estudou os argumentos a favor da reintrodução da tradução como um recurso a mais para o ensi-

no de línguas, favorecendo discussões de cunho pragmático, funcional e cultural, além de permitir que o aluno se conscientize das diferenças entre os sistemas da sua LM e da língua em estudo, estimulando-o a pensar de forma comparativa e não de forma equivalente. Neste caminho, a tradução se mostra um exercício real de interpretação e escrita, sendo necessário contextualizá-la enquanto atividade pedagógica, além de refletir sobre seus elementos contextuais e estruturais. É nesse sentido que a tradução se concretiza como uma quinta habilidade para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras: forçando os alunos a refletirem sobre o significado das palavras para dentro de um contexto, e não somente manipular formas gramaticais de modo mecânico.

Sugestões de Leitura

MALMKJAER, Kirsten (1998). *Translation and Language Teaching: language teaching and translation*. St. Jerome Publishing, Great Britain, UK.

COOK, V.J. (1996). *Competence and Multi-Competence*. In: G.Brown; K. Malmkjaer and J. N. Williams (eds.) *Performance and Competence in SLA*. Cambridge, CUP.

LADO, R. (1964) *Language Teaching: A scientific approach*. New York, McGraw-hill, Inc.

SCHACHTER, J. (1996) *Learning and Triggering in adult L2 acquisition*. In: G.Brown; K. Malmkjaer and J. N. Williams (eds.) *Performance and Competence in SLA*. Cambridge, CUP.

SELINKER, L. (1996). *On the notion of 'IL Competence' in Early SLA research: an aid to understanding some baffling current issues*. In: G.Brown; K. Malmkjaer and J. N. Williams (eds.) *Performance and Competence in SLA*. Cambridge, CUP.

SEWELL, P. (1996) *Translation in the curriculum*. In: P. Sewell and I. Higgins (eds.) *Teaching Translation in Universities: present and future perspectives*. London, CUP.

RODGERS, Theodore S. and RICHARDS, Jack C. (1986). *Approaches and Methods in Language Teaching; a description and analysis*. Cambridge University Press. NY.

LARSEN-FREEMAN, Diane (1986). *Techniques and Principles in Language Teaching*. Oxford University Press, NY.

ROMANELLI, Sérgio. (2006) *Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis*

a questão. In: Revista Inventário. 5. ed., Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>. Último acesso em Fev./09. Acessado em Dez./2008.

COSTA, W. Carlos. *Tradução e ensino de línguas*. In BOHN H. Inácio, Vandresen, P. Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

CERVO, I. Z. S. (2003) *Tradução e ensino de línguas*. Brasília. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução.

CHECCHIA, R. L. T. (2002) *O retorno do que nunca foi: O papel da tradução no ensino do inglês como língua estrangeira*. Brasília. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução.

POPOVIC, R. (1999) *The place of translation in language teaching*. In: English Teaching Forum 37:2. Disponível em: <http://www.thrace-net.gr/bridges/bridges/The%20place%20of%20translation%20in%20language%20teaching.html>. Acessado em Dez./08.

WELKER, Herbert A. (2003). *Traduzir frases isoladas na aula de língua estrangeira: por que não?* In: Revista *Horizontes de Lingüística Aplicada* 2.3: 149-163, Universidade de Brasília. Disponível em: <http://www.unb.br/il/let/welker/tradfras.doc> Acessado em Dez./2008.

Considerações Finais

Caro(a) aluno(a),

Com este livro, chegamos ao fim de nossas últimas reflexões sobre os Estudos da Tradução. Retomando o nosso percurso até agora, estudamos juntos as tendências gerais da área e as contribuições dos estudos tradutórios através de conceitos, modelos de pesquisa, dados históricos, teorias contemporâneas, a tradução vista como processo e como produto, um mapeamento da disciplina e algumas noções iniciais da prática em si. Em nossa segunda conversa, a abordagem tomada foi mais densa para trabalharmos concepções mais elaboradas a fim de desenvolver a sua consciência crítica ante o ato tradutório. Retomamos pontos do primeiro livro e discutimos alguns dos elementos que constituem as teorias da tradução e também algumas concepções mais pontuais como Venuti, Berman, Nord e Chesterman que envolveram, ainda, exercícios de práticas bem específicos. Passamos, também, pelas entrevistas com dois tra-

dutores e pesquisadores de renome: João Azenha Jr. e Lia Wyler a fim de que você também tivesse contato com o depoimento real de profissionais sobre todo o processo e as especificidades que envolvem a tradução.

De lá para cá, acreditamos que o seu conceito sobre tradução deva ter se modificado em função de todos esses tópicos estudados. Assim, nossa intenção foi propor, de fato, um roteiro de viagem: num primeiro momento, o que chamamos de “primeiros passos”, depois, através da epígrafe do segundo livro, a “ponte entre culturas” e, agora, com este último, o fato de que “não há caminho, o caminho se faz ao andar”, visto que não temos uma única direção ao traduzir, mas várias, dependendo de todos os elementos estudados.

Sendo assim, nesta última conversa, abordamos os direcionamentos da disciplina na Europa, América do Norte, América Latina, bem como métodos como a domesticação, estrangeirização, a questão da formação de identidades culturais e relações assimétricas de poder estabelecidas através das opções que fazemos ao traduzir. Este é um longo percurso ainda a ser explorado. Portanto, deixamos o convite para que você explore não só estes, mas tantos outros caminhos que a tradução nos coloca.

Para finalizar, lembramos o dia Internacional da tradução, celebrado em 30 de setembro, na festa de São Jerônimo, o tradutor da Bíblia e santo patrono dos tradutores. As comemorações são promovidas pela FIT – Federação Internacional de Tradutores desde a sua criação. O dia oficial foi criado em 1991, para mostrar solidariedade à comunidade tradutora mundial, num esforço de promover a profissão em diferentes países, desenvolvendo o orgulho por uma profissão tão importante numa época de globalização. Fica assim a nossa mensagem para você que já é tradutor ou que deseja ser:

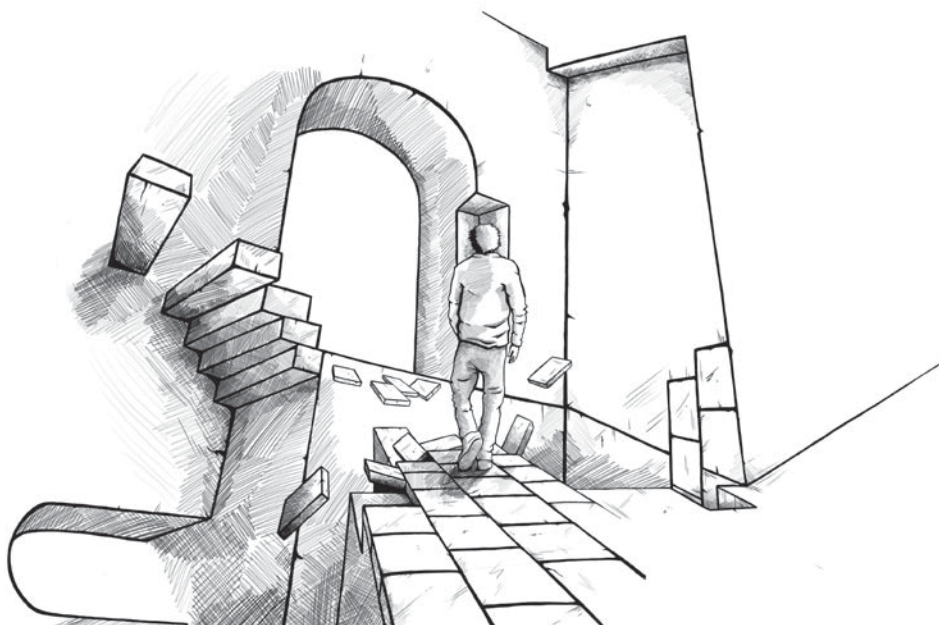
Desejamos que você tenha no seu dia:

- trabalhos interessantes;
- dicionários que contenham todas as respostas;
- prazos de entrega mais flexíveis;

- finais de semana e noites livres;
- pagamentos pontuais;
- clientes que nunca reclamem;
- computadores que nunca o deixem na mão;
- noites bem dormidas e não em claro.

E lembre-se caminhante... que não há caminho. O caminho se faz ao caminhar!

(Antonio Machado y Ruiz)



Referências

ARRIGUCI, Davi Jr. *Entrevista com Davi Arrigucci Jr. Revista Brasileira de Psicanálise*, 2005, volume 39, número 1, pp. 9-18

ARROJO, Rosemary. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993. Biblioteca Pierre Menard.

_____. *O Signo Desconstruído. Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*. São Paulo, Campinas, Pontes, 1992.

_____. *Oficina de Tradução: A teoria na prática*. São Paulo, Editora Ática, 1992.

AUBERT, Francis Henrik. *As (In) Fidelidades da tradução. Servidões e autonomia do tradutor*. Campinas-SP: Unicamp, 1994.

_____. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

_____. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: Letras/PGET, 2007.

BAKER, Mona. *Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?* In: MARTINS, Márcia A.P. Tradução e Multidisciplinariedade. Editora Lucerna, Puc-Rio – Departamento de Letras, 1999.

_____. *In Other Words: A Coursebook on Translation*. London and New York, Routledge, 1992.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma nova proposta*. Pontes, São Paulo, 2004.

BENJAMIM, Walter. *A Tarefa – Renúncia do Tradutor*. In: *Clássicos da Teoria da Tradução*, vol. 1 – Alemão-Português. Tradução de Susana Kampf Lages. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

BERMAN, Antoine. *A Prova do Estrangeiro*. Tradução de Maria Emília P. Chanut. Bauru, São Paulo, EDusc, 2002.

BORGES, Jorge Luis. *Pierre Menárd, autor do Quixote*. Em: _____. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. Porto Alegre: Abril Cultural, 1972, pp. 47-58.

BÜRGER, Juliane. Resenha de Antoine Berman. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, nº 8, 2001/2.

CAMPOS, Geir. *O que é Tradução*. São Paulo, Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.

CAMPOS, Haroldo de. *Da tradução como criação e como crítica*. Em Haroldo de Campos. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. Capítulo 2, pp. 31-48.

CARRY, Edmond. *La Traduction dans le Monde Moderne*. Genève, George e Cie.

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, Philadelphia, 1997.

DELISLE, Jean e WOODSWORTH, Judith. *Os Tradutores na História*. Tradução de Sérgio Bath, Editora Atica, São Paulo, SP, 1998.

FOUCAULT, Michael. *L'ordre du Discours*. Paris, Gallimand., 1972.

FRIEDMAN, Susan S. Beyond Gender: *The New Geography of Identity and the Future of Feminist Criticism*. In: _____. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Princeton: Princeton University Press, 1998. p. 17-35.

GENTZLER, Edwin. *Contemporary Translation Theories*. Routledge, London, 1993.

GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York, Basic Books, 1973.

HEIDERMAN, Werner (org.) *Antologia Bilingüe: Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol.1, Alemão-Português. NUT-Núcleo de Tradução, UFSC, 2001.

HOFFMAN, Kate. Resenha de Lawrence Venuti. *The Scandals of translation: towards an ethics of difference*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, nº 4, 1999.

LARANJEIRA, Mário. *Poética da Tradução: do sentido à significância*. São Paulo, Editora da USP, 2003.

LEFEVERE, Andre. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London and New York, Routledge, 1992.

LÖRSCHER, Wolfgang. *Translation Studies in Germany*. Revista Ilha do Desterro, nº 33, Julho-Dezembro 1997, Florianópolis, SC, Editora da UFSC.

MARK, Shuttleworth; COWIE, Moira. *Dictionary of Translation Studies*. St Jerome Publishing, 1997.

MARTINS, Marcia A.P. *Tradução e Multidisciplinaridade*. Editora Lucerna, PUC Rio, 1999.

MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: theories and application*. Routledge, NY, 2002.

NORD, Christiane. *Comunicarse Funcionalmente En Dos Lenguas*. In: Léxico especializado y comunicación interlingüística. Edited by FABER, Pamela; JIMÉNEZ, Catalina & WORJAK, BERD. Stica, Granada: Granada Lingüística, 285-296, 2004.

_____. *Defining Translation Functions: The Translator Brief as a guideline for the trainee translator*. In: Ilha do Desterro: Translation Studies in Germany. Edited by LÖRSCHER Wolfgang, Editora da UFSC, 39-53, 1997 (b).

_____. *Functionalist Approaches Explained*. St Jerome Publishing, Manchester, UK. 1997(a)

_____. *Text Analysis in Translation*. Amsterdam, Atlanta, GA, 1991, Rodopi. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow.

_____. *Text Function(s) in Bible Translation?* In: ATA Chronicle vol. XXXIII, 2003, 34-38.

NASCIMENTO, Lucia de Almeida e Silva. *Investigating norms in the brazilian official translation of semiotic items, culture-bound items, and translator's paratextual interventions*. Florianópolis, 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

OLIVEIRA, Roberta Pires. *Semântica*. In: *Introdução À Lingüística: Domínios E Fronteiras*. Vol. 2, 4ª ed., São Paulo, Cortez, 2004.

OTTONI, Paulo. *Tradução Manifesta. Double Bind e Acontecimento*. São Paulo, Campinas, Edusp, 2005.

OLHER, Rosa Maria. *Texto 'Original' e Tradução – Tal Pai, Tal Filha?* Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/t00007.htm>. Último acesso em: Julho, 2007.

PAGANO, A et. al. *Competência em Tradução: Cognição e Discurso*. Humanitas, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

POLCHLOPEK, Silvana. *A Interface Tradução-Jornalismo: Um Estudo de Condicionantes Culturais e Verbos Auxiliares Modais sobre Textos Comparáveis das Revistas Veja e TIME*. Dissertação, UFSC, 2005.

REISS, Katharina e Hans J Vermeer. *Fundamentos para una Teoría Funcional de la Traducción*. Trad. Sandra Reina e Celia de León. Madrid: Akal, 1996.

REISS, Katharina. *Texttyp und Übersetzungsmethode. Der operative Text. Heidelberg*, Niemeyer, 1983.

SNELL-HORBY, Mary. *Eine integrierte Übersetzungstheorie für die Praxis des Übersetzens*. (p. 15-51) In: Königs, Frank G. (Org.): *Übersetzungswissenschaft und Fremdsprachenunterricht: Neue Beiträge zu einem alten Thema*. Instituto Goethe München. 1989, München, Alemanha.

_____. (Hrsg./Org.). *Übersetzungswissenschaft: Eine Neuorientierung*. 2ªed. Francke Verlag, Tübingen u. Basel, 1994.

_____. *The Bilingual Dictionary - Victim of its own tradition?*. In: *The History of Lexicography*, Hartmann, Reinhard (ed.), 1986.

_____. *Translation Studies: An Integrated Approach*. J. Benjamins Pub. Co. Amsterdam & Philadelphia, 1988.

_____. *Linguistic Transcoding or Cultural Transfer: a critique of translation theory in Germany*. In: BASNETT, Susan and LEFEVERE, Andre (eds) , London, Pinter, 1990.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os diferentes métodos de tradução*. Tradução de Margarete von Mühlen Poll. Antologia Bilingüe: Clássicos da Teoria da Tradução. Florianópolis: NUT/UFSC, 2001. Volume I, pp. 26-89.

SILVEIRA, Brenno. *A Arte de traduzir*. São Paulo, Melhoramentos. Ed. UNESP. 2004.

SNELL-HORNBY, Mary; HÖNIG, Hans G.; KUSSMAUL, Paul; SCHMITT, Peter A.(Org.): *Handbuch Translation*. Editora: Stauffenburg Verlag Brigitte Narr GmbH, Tübingen, Alemanha, 1998 (p. 20-25, autor: Wolfram Wilss)

WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis. Uma crônica da tradução no Brasil*. Rocco, Rio de Janeiro, 2003

WILSS, Wolfram. *Interdisciplinarity in translation studies*. In: *Target* 11:1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins B.V., 1999. pp. 131-144

WOLF, Michaela. *Translation as a process of power: aspects of cultural anthropology in translation*. In: SNELL-HORNBY, Mary. *Translation as Intercultural Communication*. Amsterdam, Philadelphia, John Benjamin, 1995.

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Do fato a reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. Tese apresentada ao Depto. de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Catford, J. C. (1980). *Uma Teoria Lingüística da Tradução*. São Paulo: Cultrix. Trad. do CET da PUC Campinas.

VENUTI, Lawrence (2002). *Escândalos da Tradução*. Bauru: Edusc. Trad. de Laureano Pelegrin et alii.

VENUTI, Lawrence (1995). *A invisibilidade do tradutor*. In *Palavra 3*. Rio de Janeiro: Grypho. Tradução de Carolina Alfaro.

VERMEER, Hans. *Übersetzen als kultureller Transfer*, in Mary Snell-Hornby (Hg.), *Übersetzungswissenschaft - eine Neuorientierung*. Zur Integrierung von Theorie und Praxis, Tübingen, 1986.

Sites Consultados

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução. Por Uma Ética da Diferença*. São Paulo, Edusc. 2002. Disponível em: <http://www.usc.br/Edusc/noticias/assesusc38.htm>. Acessado em Dez. /08.

ROBINSON, Douglas. *Construindo o tradutor de Douglas Robinson*. Disponível em: <http://www.usc.br/edusc/noticias/assesusc40.htm>. Acessado em Dez. /08.

SINTRA - *Sindicato Nacional dos Tradutores*. Disponível em: <http://www.sintra.org.br/site/index.php?pag=estudante>. Acessado em Dez. /08.

FREITAS, Luana Ferreira de. *Visibilidade problemática em Venuti*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n° 12, 2003/2, Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos12/luana.pdf>. Acessado em Dez. /08.

BRITTO, Paulo Henriques Britto. *As condições de trabalho do tradutor*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n° 19, 2007/1. Disponível em: http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos19/paulo_henriques.pdf. Acessado em Dez. /08.

RIBEIRO, Antonio Souza. *A Tradução como Metáfora da Contemporaneidade: Pós-Colonialismo, Fronteiras e Identidades*. 2005. Disponível em: http://www.eurozine.com/articles/article_2005-07-18-ribeiro-pt.html. Acessado em Dez. /08.

PONTES, Geraldo Ramos e BATALHA, Maria Cristina. *A tradução como prática da alteridade*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, UFSC/CCE, Núcleo de Tradução, n° 13, 2004/1. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos13/batalha.pdf>. Acessado em Dez. /08.

WYLER, Lia. *A tradução é uma ponte entre duas culturas*. Revista Época – GiselaAnauate, 29/10/2007 - Disponível em: <http://arquivo.potterish.com/?p=3559>. Acessado em Dez. /08.

TRUITT, Elza. *The book industry's Best-Seller Lists*. Disponível em: <http://slate.msn.com/?id=3504> Acessado em Dez. /08.

Glossário

Abordagem funcionalista – vê a tradução como um ato de comunicação intercultural. Parte da função comunicativa que certas estruturas linguísticas exercem dentro de um determinado contexto e da análise das estruturas que cooperam para realizar esta função, caracterizando a intenção pragmática (concreta) do usuário da língua. Surge nos anos 70 e tem seu auge nos anos 80-90 e seus principais representantes são: Katharina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord.

Abordagem sistemática; orientada – termos que designam o caráter das pesquisas em tradução a partir da década de 50, quando Eugene Nida, utiliza o termo ciência pela primeira vez para se referir aos estudos da tradução.

Abordagem transcultural – Trabalhos tradutórios que priorizam o papel da cultura, ou seja: não existe língua, nem trabalho tradutório com línguas, sem a influência da cultura a elas atreladas.

Addressee – termo que designa o receptor ou o público intencionado pelo autor no TF, juntamente com seus conhecimentos culturais, expectativas e necessidades comunicativas específicas. Está presente nas teorias de Hans Vermeer e Christiane Nord.

Análise contrastiva – diz respeito a pesquisas realizadas da década de 30 a 60-70 cujo objetivo era o estudo de duas línguas em contraste a fim de se identificar diferenças gerais e específicas entre elas.

Anpoll - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

Antropologia - origem etimológica deriva do grego άνθρωπος anthropos, (homem / pessoa) e λόγος (logos - razão / pensamento). Ciência preocupada em estudar o homem e a humanidade de maneira totalizante, ou seja, abrangendo todas as suas dimensões. A divisão clássica da Antropologia distingue a Antropologia Cultural da Antropologia Biológica, cada uma com suas próprias correntes de pensamento.

Calque - ação na qual se traduz ou introduz uma palavra ou expressão em língua estrangeira para vocabulário nativo.

Corpora computadorizados – textos paralelos (ou seja, um mesmo texto em sua versão original e traduzida) digitalizados com o

objetivo de oferecer informações extensivas para trabalhos de caráter descritivos. Os textos são eletronicamente armazenados, o que facilita o estudo de características da linguagem traduzida.

Correspondência – segundo Catford, a correspondência fundamenta-se na formalidade, isto é, baseia-se no sistema de um par de sistemas linguísticos similares.

DTS – *descriptive translation studies* – estudos descritivos da tradução e que abordam a tradução como fenômeno.

Equivalência – termo que designa relações entre o TF e o TT do ponto vista lexical, sintático, de conteúdo, semântico, do leitor, do autor, dependendo da afiliação teórica do pesquisador. Segundo Catford, as relações de equivalência estão sempre amarradas a um par de TF e TT específicos.

Estrangeirização e domesticação – termos cunhados por Venuti para definir a sua visão dos métodos de tradução: a estrangeirização mantém uma aproximação maior com o TF e não se preocupa com a literalidade formal, enquanto a domesticação procura “domar” o TF, fazendo com que seja lido como se tivesse sido originalmente produzido na língua do leitor. Esses métodos lembram aqueles propostos por Schleiermacher: levar o leitor para o autor e levar o autor até o leitor, respectivamente.

Etnocentrismo - conceito antropológico, segundo o qual a visão ou avaliação que um indivíduo ou grupo de indivíduos faz de um grupo social diferente do seu é apenas baseada nos valores, referências e padrões adotados pelo grupo social ao qual o indivíduo ou grupo pertence. Esse posicionamento envolve uma relação de preconceito em grupos étnicos que se consideram superiores a outros. Do ponto de vista intelectual, etnocentrismo é a dificuldade de pensar a diferença, de ver o mundo com os olhos dos outros.

Etnografia - do grego *ἔθνος*, ethno - nação, povo e *γράφειν*, graphen - escrever - método utilizado pela antropologia na coleta de dados. Baseia-se no contato inter-subjetivo entre o antropólogo e seu objeto, seja ele uma tribo indígena ou qualquer outro grupo social sob qual o recorte analítico seja feito.

Fidelidade - pode ser abordada de maneiras diferentes dependendo da afiliação teórica de cada pesquisador; portanto, esse conceito

pode estar ligado à reprodução das ideias fiéis do autor; do conteúdo ou estilo do TF; pode ainda estar voltada ao leitor ou à cultura de chegada. Normalmente, fidelidade envolve debates sobre questões lexicais, sintáticas, culturais e estilísticas.

Função – na linguística tem a ver com uma perspectiva sócio-cultural da língua, designando a relação entre uma forma e outra (função interna), entre a forma e o significado (função semântica) ou entre o sistema de forma e o contexto (função externa).

Hermenêutica - interpretação do sentido das palavras, tomando-se o texto como uma unidade de sentido, método originário dos textos sagrados.

Intercultural – termo que trata de relações estabelecidas entre culturas diversas por meio da tradução.

Interface – resulta da possibilidade de estabelecer ligações entre a área dos estudos da tradução com outras áreas de pesquisa. Essas mudanças dizem respeito a métodos de pesquisa e conteúdos que começam a mesclar abordagens linguísticas, literárias e culturais. As pesquisas adquirem um caráter empírico, o que altera o perfil da disciplina com investigações sobre a estrutura do processo de tradução.

Invisibilidade – termo proposto por Lawrence Venuti para se referir a atitude de alguns tradutores que desejam “desaparecer” atrás de uma tradução fluente, da produção de um TT totalmente legível na língua alvo, domesticado, como se tivesse escrito, originalmente, na língua alvo criando, assim, a ‘ilusão da transparência’.

Linguística de corpus – é uma área interdisciplinar que vem tendo um grande desenvolvimento desde a década de oitenta na Europa e, mais recentemente, nos Estados Unidos. Suas aplicações se fazem sentir tanto na área da Lexicografia, quanto nos estudos sistemáticos do uso da língua, em trabalhos de tradução, Linguística Aplicada e em Processamento de Linguagem Natural. A interdisciplinaridade constitutiva dessa área de estudos tem possibilitado a troca de experiências e uma real colaboração entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

Metodologia interdisciplinar – desloca as pesquisas em tradução para campos afins na área da comunicação, como é o caso do jor-

nalismo ou para áreas mais distantes, porém instigantes como as traduções nas áreas técnica e científica.

Modelo teórico causal - pesquisa as atitudes do tradutor numa determinada fase da tradução, as causas de suas decisões contrapostas às instruções recebidas do cliente, do propósito da tradução, as suas próprias influências sócio-culturais no texto; o que essas decisões podem causar para os/ e quais os seus efeitos nos leitores, no próprio tradutor e no ambiente sócio-cultural.

Modelo teórico comparativo - estático e orientado ao produto, além de ser centrado em algum tipo de relação de equivalência.

Modelo teórico processual - estuda a tradução enquanto um processo e introduz dimensões de tempo sendo, portanto, um modelo dinâmico em relação ao modelo comparativo.

Paródia - intenção clara de homenagem, crítica ou de sátira, não existe a intenção de enganar o leitor ou o espectador quanto à identidade do autor da obra.

Pastiche - imitação geralmente grosseira do estilo de uma obra artística e/ou literária. O pastiche pode ser plágio, por isso tem sentido pejorativo, ou é uma recorrência a um gênero. Modernamente, o pastiche pode ser visto como uma espécie de colagem ou montagem, tornando-se uma paródia em série ou colcha de retalhos de vários textos.

Plágio - ato de assinar ou apresentar uma obra intelectual de qualquer natureza (texto, música, obra pictórica, fotografia, obra audiovisual, etc) contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem colocar os créditos para o autor original. No ato de plágio, o plagiador se apropria indevidamente da obra intelectual de outra pessoa, assumindo a autoria da mesma. O plágio é considerado antiético (ou mesmo imoral) em várias culturas, e é qualificado como crime de violação de direito autoral em vários países.

PGET - Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC).

Pós-colonialismo - termo que trata de possíveis consequências ideológicas da tradução e do seu papel ativo no processo da colonização e na disseminação de uma imagem, ideologicamente motivada, de povos colonizados especialmente na cultura ocidental. Essa imagem é aceita como a única real e verdadeira e funciona como a imposição de valores ideológicos do colonizador.

Prática derivacionista – termo que caracterizava a prática da tradução até os anos 50 quando ainda estava conectada, ou seja, derivava, primeiramente, do ensino e aprendizado de línguas estrangeiras.

Prática tradutória – ato concreto, realização, da tradução; ato tradutório; atividade tradutória.

Protocolos verbais – registros, em gravação, dos procedimentos que o tradutor utiliza durante a tradução.

Shift - Translação, movimento, transferência.

Signo, significante, significado – relações estabelecidas por Saussure e que fomentam discussões acerca de (im)possibilidades de equivalência textual, como no caso da equivalência interlingual, em que um signo corresponde exatamente ao outro em termos de significação.

Skopos – palavra grega que define o “propósito ou a função” da tradução, tal como teorizado pelo alemão Hans Vermeer em 70; origina a *Skopostheory*.

Targumin - traduções para o aramaico dos Escritos Sagrados e do Cânone Judaico.

Teorias da tradução – estabelecem princípios gerais para prever e explicar o fenômeno da tradução.

Teorias descritivas – descrevem a tradução como fenômeno.

Teorias pós-colonialistas – estudam a questão do aspecto colonizador que, segundo alguns teóricos, a tradução pode exercer.

Textos protocientíficos – são textos da área da protociência, isto é, uma área de esforços científicos em processos de consolidação cujos textos descrevem uma hipótese que ainda não foi comprovada adequadamente por meio de um método científico

Tipologia textual – termo cunhado por Katharina Reiss na década de 70 e que unia algumas funções e dimensões da linguagem; situações comunicativas.

Tradução – ato comunicativo intercultural realizado entre comunidades que possuem línguas, culturas e vivências diferenciadas.

Tradução como processo – diz respeito a um mapeamento cognitivo dos procedimentos que envolvem a prática tradutória através de registros (protocolos verbais) gravados pelo próprio tradutor durante o processo efetivo da tradução.

Tradução como produto – o texto traduzido existe de forma independente do texto original. O estudo do TT, priorizado em relação ao seu original, permite o levantamento de problemas existentes e estratégias utilizados pelo tradutor para solução dos mesmos.

Tradução interlingual – ocorre entre comunidades com sistemas linguísticos e culturais distintos.

Tradução intersemiótica – ocorre através da interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas de signos não-verbais; por exemplo, quando um texto escrito é traduzido para o *layout* de uma música, filme ou pintura.

Tradução intralingual – ocorre entre comunidades que fazem uso do mesmo sistema linguístico e que podem ou não compartilhar de um mesmo sistema cultural.

Tradução literal – ocorre ao nível da ‘palavra por palavra’. Termos similares são: ‘forma pela forma’; tradução fiel à letra.

Tradução livre – ocorre ao nível do ‘sentido pelo sentido’, ou seja, fidelidade ao conteúdo do TF e não ao sistema linguístico. Também designada por inventio, isto é, fidelidade aos valores artísticos do texto, a ideia do texto original. É posteriormente compreendida, por Peter Newmark como ‘tradução semântica’.

Transnacional - vivência pós-colonial de imigrantes e, de forma mais ampla, a ‘desruptura local’ que descreve a situação daqueles que permanecem no lado, praticamente desintegrados, de suas forças ‘nativas’.

Transnacionalização – seus sinônimos são: mundialização, globalização, processo que leva à ocidentalização do mundo.

